DUAS PALAVRAS

ÁCERCA DA

ELEIÇÃO DO PORTO

EM

1851

POR

ANTONIO ALVES MARTINS.

LISBOA

TYP. DE F. J. FERREIRA DE MATTOS.
Rua da Barroca, 91.

1851.

DUAS PALAVRAS

ÁCERCA DA

ELEIÇÃO DO PORTO

EM

1851

POR

ANTONIO ALVES MARTINS.

LISBOA

TYP. DE F. J. FERREIRA DE MATTOS.
Rua da Barroca, 91.

1851.

LIBERAL por convicção, fomos victimas dos perseguições de D. Miguel.

Depois da restauração seguimos o partido dos cartistas, ou então chamados amigos de D. Pedro; não só por gratidão ao Imperador, mas porque a Carta Constitucional era um codigo dos mais avançados em relação á politica europea, e para a situação em que nos achavamos era sufficiente, e por ventura demasiado.

Na revolução de 1836 achámo-nos por conseguinte no lado opposto aos homens que se arregimentaram debaixo da bandeira chamada *setembrista.*

Por uma especie de fatalidade, sem jamais termos entrado em combinações revolucionarias, ficámos envolvidos na revolução de 37, chamada dos Marechaes; e na de 42, feita no Porto por Antonio Bernardo da Costa Cabral, hoje conde de Thomar.

Reprovamos o modo como se houve esse ministro

director do movimento, mas saudámos e demos as boas vindas a um codigo que era objecto das nossas sympathias.

Principiámos então a nossa carreira politica como deputado á seguinte legislatura.

Entrámos na Camara pela porta da esquerda, e sahimos por onde tinhamos entrado, guerreando sempre o ministerio, porque seguia uma politica egoista, traiçoeira e retrograda.

Esta politica trouxe as revoluções de 44, a que fomos estranho, e a de 46, em que nos achámos envolvidos, e que terminou pela expatriação dos dous irmãos Cabraes. Vieram os acontecimentos de 6 e 9 de Outubro de 46; unimo-nos á Junta do Porto, porque viamos na *embuscada* a porta aberta para os foragidos, e uma tendencia mui pronunciada para a sua politica, que nunca cessámos de combater, já na tribuna, já na imprensa.

Terminou a lucta pelo *protocolo.* Os homens encarregados da direcção dos negocios publicos ou não souberam, ou não poderam dar á politica o rumo conveniente; os Cabraes appareceram novamente em scena, zombaram dos homens e das difficuldades, assenhorearam-se do poder, a politica retomou o seu primitivo caracter, e os negocios foram cahindo pelo plano inclinado traçado pelos irmãos Cabraes.

Nós guardámos o nosso posto d'opposição permanente, ao nosso lado viamos cartistas, setembristas, e até realistas; não cuidavamos de suas crenças particulares, o nosso fim era derrubar o inimigo commum, e nada mais.

Os Cabraes recrudeciam na sua tyrannia, as liber-

dades do povo eram cerceadas a olhos vistos, a nossa reacção era proporcional ás tendencias oppressivas; da nossa penna sahiram brados d'uma profunda indignação; esses brados talvez nos fizessem passar por exaltados, mas nós não estamos arrependidos do que escrevemos, porque a nossa consciencia dirigia a nossa penna.

Appareceu o movimento d'Abril ultimo; fizemos votos para que vingasse sem nos importarem os precedentes dos homens que entraram nelle (nós em politica não olhamos para traz); os homens que haviam *bivaquado* comnosco nos arraiaes opposicionistas subiram ao poder, o duque de Saldanha hasteou uma bandeira toda liberal, de conciliação e d'esquecimento do passado.

O duque de Saldanha, fossem quaes fossem seus erros passados, alevantou um marco entre o preterito e o futuro; e nós não podiamos deixar d'abraçar a sua bandeira, que era o emblema das nossas aspirações politicas. Desde Abril deixámos d'escrever, porque a nossa tarefa estava acabada, o colosso cabralino estava destruido, e nós satisfeitos, e mui resolvidos a abandonar o abrolhoso campo da politica.

Porem entre os homens que foram chamados aos conselhos da Soberana achava-se um a quem desde ha muito somos particularmente affeiçoados, e por suas instancias entrámos novamente nas lides politicas, quebrando o nosso proposito de mais nos não misturarmos nellas.

Fomos ao norte coadjuvar os nossos amigos nos trabalhos eleitoraes, e empregar os nossos esforços para esclarecer os povos sobre a politica pacifica, liberal, e conciliadora que o governo queria ensaiar.

O nosso fim não era excluir da urna fracção al-

guma politica, queriamos ve-las todas representadas no parlamento, porque uma dolorosa experiencia havia mostrado os fructos desastrosos do exclusivismo do conde de Thomar. O governo, sanccionando o decreto eleitoral de 20 de Junho, calculado todo contra elle, e a favor do povo, havia dado provas d'uma abnegação original; as authoridades receberam instrucções coherentes com esse mesmo pensamento; a força armada prohibida d'intervir directa ou indirectamente no processo eleitoral; restava só aos amigos do governo soccorrerem-se á influencia moral dos seus delegados nas provincias para dirigirem os trabalhos eleitoraes em sentido de fazerem triumphar a politica governativa no meio das fracções politicas que todas se disputavam a victoria.

Alguem opina que os governos devem limitar-se a proteger a liberdade da urna, e cruzar os braços diante dos bandos politicos que aspiram ao poder pelo triunfo eleitoral: nós somos d'opinião contraria.

É da essencia de todo o governo cuidar do bem estar da communidade, o seu dedo deve sempre apparecer em todos os actos que se prendam aos grandes interesses sociaes; uma campanha eleitoral decide incontestavelmente dos destinos d'um povo, e por isso nunca poderemos annuir a que os homens, que gerem os negocios publicos, cruzem os braços, e se mostrem indifferentes ao resultado dessa campanha que muitas vezes dá o triunfo ás minorias. Nas circunstancias actuaes a posição do governo e de seus amigos era sobre maneira difficil; por quanto achando-se o paiz espesinhado por um governo que não poupava meios os mais violentos para sustentar-se contra a opinião publica, não era possivel d'uma vez, e n'um momento apagarem-se os odios politicos nascidos dessa politica exclusivista,

não era possivel estender-se sobre o passado um véo tão espesso, que occultasse os actos de muitos homens, que por especulação, ou medo se agruparam em roda do conde de Thomar, e o acompanharam até ás bordas do precipicio onde se despenhara.

Por outro lado a expansão das opposições devia ser proporcionada á pressão que soffreram durante quasi dez annos, as tendencias de reciproca guerra entre os dous extremos eram e deviam ser muito pronunciadas: e por conseguinte a bandeira de conciliação hasteada pelo duque de Saldanha; os brados de moderação e ordem sahidos do governo e de seus amigos; a politica do justo meio que se queria ensaiar; tudo isto que alguns annos antes seria enthusiasticamente aceito, agora, depois d'uma victoria, nas vesperas d'uma campanha eleitoral, na ausencia de todo o perigo, eram *lindos nadas* para os influentes das diversas fracções politicas que todos se empenhavam em excitar as paixões amortecidas.

Defina o Governo a situação, diziam os cartistas; e esta definição era na sua politica, guerra aos setembristas, exclusão absoluta do exercito, dos empregos, e das camaras. Os anti-cabralistas de todas as cores bradavam de sua parte por uma resolução da parte do governo, a sua anciedade não supportava a politica do ministerio, que alcunhavam de *dubia* e *indefinida*; e toda obra do Rodrigo.

A odiosa alcunha de *cabralista* era e é ainda agora applicada a esmo a todos os empregados publicos, e mesmo áquelles que se não associam nas praças e nos cafés a essa grita infernal. Ja se ve pois a cama de rosas em que se achava o governo e seus amigos, e os *bons auspicios* com que entravam na campanha eleitoral.

O governo coherente com o seu programma devia

ser justo para com todos os partidos, não fechar o parlamento a fracção alguma, e escolher os servidores do estado em todas ellas.

Se porem os partidos devem ser representados nas camaras, tambem o governo deve trabalhar para obter maioria, porque sem ella não vive, nem pode levar ávante o pensamento politico que o dirige.

Restava pois deliberar sobre o modo como poderia alcança-la, e como chegaria a obter garantias de estabilidade, e apoio para sustentar a liberdade publica á sombra da tolerancia e conciliação que proclamava.

O governo não podia hesitar um momento, todos os calculos politicos levavam-n'o a escolher a pedra angular do seu edificio na formação d'um grande partido nacional composto das capacidades do paiz tiradas de todas as fracções politicas em que se achava retalhado.

Este grandioso pensamento não podia deixar de ser abraçado por todos os que desejam, como nós, cravar um prego na roda das revoluções.

A isto se limitaram as decantadas instrucções que disseram termos recebido do governo: não se nos indicaram pessoas para guerrear, nem para apoiar, nem nós em tal consentiamos. O conceito que mereciamos aos nossos amigos nos dispensavam e a elles do formulario de prescripções ácerca d'objectos entre nós definidos e acordados.

Chegâmos ao Porto, e alli encontrámos dous campos e duas bandeiras: uma, renegando do presente e do futuro, symbolisava as ruinas do conde de Thomar; e para attrahir melhor em roda de si os incautos e fanaticos, trazia a inscripção pomposa de *cartista pura*, e fluctuava nos torreões do conde de Terena.

Outra, admittindo o presente só como ponto de transição, aspirava a um futuro todo prasenteiro e es-

perançoso; desdenhava de tudo quanto não fossem suas utopias cerebrinas, não contando no numero de seus seguidores senão aquelles que, fugindo do mundo real, marcham a passo accelerado para os sonhos de Mazzini e outros reformadores modernos; e esta bandeira era a da viella da Neta.

A entidade governo ou não existia, ou arrastava uma vida desapercebida entre os dous campos de cruzados. Fallar, escrever, e andar: eis a vara de condão com que em menos de vinte dias se formou um exercito ministerial, que poz em respeito os dous campos inimigos.

Tres centros pois se formaram no Porto:

Cartistas puros, dirigidos pelo conde de Terena;

Setembristas, commandados por José da Silva Passos;

Ministeriaes, dirigidos pelo visconde d'Oliveira, que se associou aos nossos trabalhos.

José Passos tinha a consciencia da sua fraqueza, e elle bem via que, deixado a si proprio, nunca poderia ganhar maioria em nenhum dos collegios do Porto: por isso desejava um acordo com a authoridade, para soccorrer-se á sua influencia moral.

O pensamento de José Passos era abraçar-se com a authoridade para, com o seu auxilio, ou com a sua inactividade, formar um exercito d'eleitores seus amigos pessoaes, e depois dominar os dous collegios, e dispor da eleição. Elle tinha as cousas encaminhadas neste sentido á nossa chegada á cidade do Porto, e reinava o melhor accordo entre elle e o governador civil.

Nós entendemos a politica d'outra maneira, separamos a influencia das authoridades d'acção de todos os chefes de partidos, e trabalhamos por elevar a en-

tidade *governo* acima de todas as fracções politicas para a collocarmos em circumstancias de fazer concessões, e não transacções, que importam sempre ou fraqueza ou igualdade.

Eis aqui o verdadeiro pomo de discordia entre nós e José Passos. José Passos escreveu aos seus amigos, e no seu jornal o *Ecco* que o ministro do reino pelo seu agente no Porto lhe fazia guerra, e o queria excluir da urna.

Tudo isto é falso: o ministro do reino nunca se lembrou delle nem para o guerrear, nem para o apoiar; a questão era só e unicamente entre nós ambos; José Passos queria dominar e dispor da eleição do Porto, e nós queriamos a mesma cousa, e não se podendo dividir esta preponderencia, estava claro que nos haviamos de contrariar reciprocamente. José Passos e os seus seguidores entenderam que por nós termos sido um soldado da Junta deviamos agora acompanha-los na sua politica, com pena de sermos taxados de incoherente e renegado, como disseram no *Ecco*. Enganaram se redondamente. Do tempo da Jun'a á epocha actual vai uma distancia infinita, o que então foi uma virtude seria hoje um crime.

A Junta foi uma consequencia da embuscada, se esta não existisse não teria logar aquella.

A politica do governo é tanto ou mais liberal do que a da Junta do Porto: por tanto não ha apostasia, não ha incoherencia da nossa parte; e demais nós entendemos que soccorrer-se hoje ás tradições revolucionarias do tempo da Junta, arvorar hoje uma bandeira que só pertence á historia, é galvanisar um cadaver que não deve mais sahir do seio da terra.

Essa politica cheira a revolucionaria, tem ressabios dissolventes, e põe de sobre aviso todos os liberaes

amantes da ordem e da prosperidade desta nossa terra.

Demais, o pensamento d'eleger pelo Porto os membros da Junta ou tinha significação politica ou não; no primeiro caso era um crime, no segundo um capricho tolo.

Alem disto por que rasão não concedeu José Passos a honra que tanto ambicionava para a Junta ao Lobo d'Avila que fora igualmente membro della? Por que o não propoz em qualquer dos dous circulos? Para que o substituiu pelo thesoureiro da Junta Barros Lima?

José Passos depois que viu que não podia jogar com a força do governo, soccorreu-se ao sentimentalismo politico, fallou e escreveu muito na Junta, espalhou por acinte que o ministro do reino não queria os membros da Junta; invocava incessantemente este talisman para o salvar d'uma derrota inevitavel, mas de nada lhe valeu.

José Passos quer passar por o nosso Fabio das provincias do norte, quer ter no seu regaço a paz e a guerra: cego pela ambição de popularidade quer-se impor como chefe de partido, e não se lembra que lhe fallecem as principaes condições.

Para ser Graccho é mister fallar ou escrever ás turbas, e José Passos nem sabe fallar nem escrever.

Aconselhamo-lo a que se deixe desse modo de vida, Deos não o chama para esse caminho, não está fadado para ser o nosso O'Connell.

Combinados os trabalhos em globo, deixámos o Porto por motivos imperiosos, ficando o visconde de Oliveira encarregado da direcção em detalhe; e nós, durante quinze dias d'ausencia, nada soubemos do que se passava no Porto.

Quando voltámos, ja nas vesporas das eleições primarias, achámos tudo feito, e nada influimos para a escolha dos candidatos a eleitores. A eleição primaria mostrou logo a força dos partidos: os dous extremos ganharam a cidade, e o governo os concelhos ruraes.

O intervallo que a lei marca até ás eleições secundarias foi pequeno para as duas fracções extremas alardearem forças que não tinham, e prognosticarem victorias fantasticas. Nós desde a nossa volta ao Porto abstivemo-nos de tomar parte nas combinações eleitoraes, fomos puros espectadores, e nessa qualidade narramos os acontecimentos.

Reuniram-se os collegios, e tinha-se espalhado que os partidos não faziam questão das presidencias: no de Cedofeita sahiu o barão do Seixo por uma dessas tricas muito usuaes em similhantes trabalhos, foi acclamado antes de se verificar o numero legal dos eleitores; porem logo que chegaram todos, foi proposta a homologação do acto por um distincto eleitor, o sr. Louzada, e todos approvaram o que illegalmente se tinha feito.

Tudo o mais correu placidamente, e quando as opposições contavam um resultado favoravel, viram os candidatos do governo sahirem da urna proclamados deputados.

Em Santo Ildefonso não se passaram assim as cousas.

Dias antes da reunião dos collegios notavam-se visiveis symptomas de antipathias com o visconde de Oliveira, e fallava-se em grandes questões no collegio sobre a validade do seu diploma, assim como sobre a de outros eleitores de Gaia, que se diziam regedores.

O visconde quiz ostentar a sua força na questão

da presidencia; porém as duas fracções extremas, por um accordo, que disseram casual (e nós o cremos) deram a presidencia ao conselheiro Lopes Branco.

Nomearam-se as commissões de verificação de poderes, addiando-se os trabalhos para o dia seguinte.

Entretanto viu-se logo que as opposições fraternisavam, José Passos mostrava decidido empenho em demorar os trabalhos daquelle circulo, porque estava occupado nas combinações de Cedofeita, cujo resultado elle esperava favoravel por ser naquelle collegio onde os entava maior força.

Alem disso queria orientar-se com as noticias que deviam chegar dos circulos de todo Minho e sul do Douro.

Tinha pois todo o empenho em protelar a discussão, e para isto encarregou o eleitor Vieira de a entreter com essas questiunculas de redacções de diplomas, e actos pouco conformes com as prescripções da lei; e assim se fez até que fora sabido o resultado de Cedofeita, que azedou sobremaneira as opposições.

Até alli fallava-se já em transacções, e na exclusão do visconde, e mais eleitores de Gaia, mas vagamente e sem grande calor; porém depois deste momento as coisas mudaram inteiramente.

José Passos e mais eleitores influentes d'ambas as opposições aproximaram-se, e o visconde com seus companheiros foram votados aos deoses infernaes como victimas expiatorias do grande crime da união d'elementos tão repugnantes!! Quando pois começou a discussão já nas salas proximas, e mesmo cá fora se sabia da hecatombe que deveria ter logar.

O visconde é empregado em Lisboa e como tem o seu solar em Oliveira, transferiu para alli o seu domicilio politico com todas as formalidades legaes. A

commissão de recenseamento julgou boa esta transferencia e proclamou-o eleitor. Bem ou mal julgado, estava inscripto no caderno dos eleitores e o collegio eleitoral não é o competente para decidir dessa sentença: entretantou constitui-se em tribunal d'appelação, e apesar da lucidez com que o visconde levou á evidencia a legalidade do seu diploma, o collegio decidiu o contrario, e exclui-o do seu seio. Os seus dez companheiros do sacrificio eram cidadãos que por suas habilitações as commissões do recenseamento julgaram bons eleitores: porém como tinham sido regedores anteriormente ás eleições; apesar de apresentarem ao collegio os seus diplomas legaes de demissão dada muito antes do acto eleitoral; o collegio, convertido em convenção nacional, exterminou-os igualmente; e assim ficaram as duas fracções colligadas senhoras do collegio eleitoral. Notaram torpezas por parte dos ministeriaes, e quizeram justifica-las commettendo uma atrocidade.

É mister que se note que no dia 19 ainda a coalisão se limitava á exclusão do visconde, ponto em que todos concordaram por uma especie de instincto.

Á vista deste consenso tacito, e da tendencia quasi geral que se notava para sacrificarem aquelle cavalheiro, parece que deveria existir uma rasão maior que se assignasse como causa deste fenomeno: nem os inimigos do visconde a declararam, nem nós a sabemos, suppomos que nada ha mais do que certas rivalidades que no Porto tomam grande vulto.

Como depois do ostracismo dos onze eleitores ministeriaes, ainda os dous extremos ficassem em minoria, era forçoso unirem-se e colligárem-se para vencer o mais forte.

Nada temos em abstracto a dizer contra as coalisões; ellas são e sempre foram a taboa de salvação para os fracos.

O governo não precisa d'outro argumento para demonstrar a sua força.

O que nos resta pois a considerar é se na hypothese dada podia ter applicação a velha e admittida theoria das coalisões.

O centro cabralista não podia de modo algum transigir nem com José Passos, nem com o governo.

Este centro, publicando o seu manifesto, estabeleceu um muro de bronze entre elle e todos os partidos.

No manifesto declarava-se nullo, irrito, e de nenhum effeito legal tudo quanto se tinha feito depois d'Abril. Declarou-se que não se admittiam as Procurações formuladas segundo as prescripções do decreto de 20 de Junho: logo collocou-se o centro n'um dilema terrivel, ou ficando em minoria, potestar e retirar-se; ou alcançando maioria formular os diplomas segundo os seus principios solemnemente annunciados.

Alem de que esta mesma situação era um verdadeiro sofisma; porque se o centro cartista não admittia a politica dos factos consumados, se não queria desviar-se nem um apice do seu dogma politico, o rigor dos principios não consentia que elles entrassem na lide eleitoral; o seu protesto devia fazer-se antes, e o campo eleitoral devia abandonar-se aos revolucionorios d'Abril.

Se o decreto de 20 de Junho era nullo, era-o em todas as suas prescripções, e por conseguinte os homens do centro cartista não podiam fazer obra por elle.

A hypothese em que se collocaram é pois uma verdadeira simulação, e muito mais reprehensivel do

que aquella que elles mesmo combateram como uma torpesa na celebre questão das regedores.

O pensamento politico que descobrimos nos trabalhos eleitoraes do centro cartista é uma revolução parlamentar.

Se os cartistas ganhassem as eleições em todo o reino, podiam na camara fazer o seu pronunciamento, e anullar tudo quanto o duque de Saldanha tinha feito revolucionariamente e contra a Carta, porém isto teria algum valor, e poderia ser bello em theoria, mas na pratica era absolutamente impossivel.

A historia mostra o que tem sido todos os parlamentos sem uma força que os sustente.

José Passos andou neste negocio como um verdadeiro sendeiro; seus precedentes, os principios que proclamava, e todas as conveniencias politicas chamavam-no a outro terreno.

Porem repassado d'um sentimento de vindicta pessoal, esquecido do que devia a si e aos seus, nunca se lembrou que o fructo desse coito damnado nunca podia deixar de ser veneno para a sua reputação, e grande compromettimento para o seu partido.

« O ministerio não quer transação alguma com a « Torre da Marca: nem honestamente a podem fazer « em quanto não for queimado pelo carrasco no meio « da Praça Nova o infame manifesto do centro Terena. « O sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães ainda ouviria « proposições, mas o marechal Saldanha não pode ou- « vi-las sem se deshonrar, e descer á posição de não « poder ser admittido na boa sociedade. » — (*Ecco* 6 *de Novembro, jornal do sr. Passos.*)

Alguns dias depois estava José Passos prostrado diante desse centro a esmolar votos para elle e para os seus ! ! ! *Credite posteri ! !*

José Passos pretende justificar-se com a guerra que o governo lhe mandara fazer pelo seu encarregado Alves Martins.

É falso esse pretexto; mas concedendo-o por um pouco, se elle era forte como se dizia, devia estimar essa guerra para ter occasião de ostentar as suas forças.

Porém tanto não era assim que por parte do governo, na vespora da eleição lhe foi offerecida uma transacção, concedendo-se-lhe logar para duas candidaturas: elle porém recusou-as, julgando mais honroso ir prostrar-se perante o centro Terena, e receber os diplomas dos homens do caleche, e do Alfeite!!!

Como justificará José Passos este procedimento?

Devemos concluir que José Passos nada s'embaraça com as conveniencias politicas, e com o pundonor dos partidos; tudo sacrifica aos seus ressentimentos pessoaes.

Uma cabeça verdadeiramente politica deve ser fria como uma pedra; e em seus calculos jamais entram affeições ou odios pessoaes.

Demais, logo que na primeira proposta fora excluido o seu nome, sem que pelo centro Terena fosse votado o seu chefe José Bernardo; sacrificio doloroso a que se não prestaram alguns dos seus eleitores mais influentes; porque motivo, entre os nomes secundarios que se trocaram de parte a parte, foi buscar dous cavalheiros destinados primitivamente para o collegio de Cedofeita? Seria por serem membros da Junta? Esse pensamento deveria ser abandonado depois da derrota soffrida. A Junta devia morrer ou salvar-se toda no mesmo campo da batalha.

Se porém o determinou o valor intrinseco dos candidatos, por que não associou ao Almeida e Brito o Dr.

Parada, candidato primitivo de Santo Ovidio, e o unico que podia emparelhar com a superior intelligencia do cavalheiro Almeida e Brito.

Porque motivo sacrificou o candidato favorito dos artistas do Porto ? ! !

Nós poderiamos explicar-lhe estes enigmas, mas o que nós não diremos, *Dicant Paduaui*. . .

Finalmente, os ministros da Junta soberana atrelados ao caleche do conde de Thomar, é uma farçada só digna de José Passos, que a poz em scena ! ! !

Não lhe invejamos a gloria.

Este pequeno esboço pareceu-nos sufficiente, para que os homens imparciaes possam julgar com segurança das occorrencias do collegio eleitoral de Santo Ovidio. Os jornaes, que passam por orgãos das duas fracções colligadas, narram os acontecimentos d'outra maneira.

Nós em seguida os transcrevemos para nos livrarmos da nota de parciaes ; e o publico ajuizará sobre qual dos combatentes ganhou mais nesta campanha eleitoral.

Historia da eleição no collegio eleitoral de Santo Ovidio no Porto.

Ecco Popular 21 *de Novembro.*

«Concluiram-se as eleições dos dous circulos do Porto.

«Houveram scenas que deveriam ficar registradas para desenganar os homens publicos deste paiz, que um dos maiores erros que podem fazer, é julgarem os seus parentes, por esse facto, habeis para todos os empregos, por mais elevados que sejam.

«Um dos maiores desacertos que o marechal Saldanha tem commettido durante a sua longa carreira de homem publico, foi a nomeação do sr. D. Pedro da Costa de Sousa Macedo. Se por desgraça do paiz o marechal tivesse commettido outro erro, que era o ter nomeado em vez do dignissimo general Francisco Xavier Ferreira, um dos seus generaes rapazes, teria sido o Porto talvez theatro de scenas bem desgraçadas.

«No collegio de Cedofeita triumfaram cartistas e

regeneradores, no de Santo Ovidio cartistas e membros da Junta do Porto. (1)

« Os eleitores da cidade eram todos os homens de convicções, e sufficientemente illustrados para votar conscienciosamente. Achavam-se alli muitos dos homens influentes nos dous partidos setembrista e cartista.

« O sr. visconde de Oliveira pela miseria da presidencia do collegio discorreu de tal maneira, que o distincto advogado o sr. Brito, disse para o sr. Passos = vamos nós a nomear o sr. Lopes Branco? = que se achava assentado entre os dous patuleas, o que foi adoptado por todos os eleitores progressistas e cartistas. (2)

« Os eleitores ministeriaes desde a abertura do collegio occuparam a montanha, e os cartistas assentaram-se abaixo da montanha, como se todos fossem membros de um partido, e não adversarios politicos. (3)

« A maior franqueza e tolerancia se observava entre os eleitores setembristas e cartistas.

« Cumpre aqui declarar, que os eleitores cartistas fizeram todos os esforços para fazer eleger o seu chefe José Bernardo da Silva Cabral.

« O seu proceder nas conversações e conferencias

---

(1) Em Cedofeita triumfou a lista do governo, sendo proclamados deputados unicamente os seus candidatos.

(2) Concordamos em que se não tinha combinado entre as duas opposições a escolha do presidente, e que a indiscrição do visconde provocasse a deliberação tomada no momento; mas nós vemos neste acto momentaneo e repentino, e que parece casual, um artificio para captar a benevolencia dos cabralistas, e para melhor os trazer ao ultimatum já premeditado.

(3) Esta nomenclatura é um puro sonho de José Passos.

que tiveram para esse fim com os progressistas, foi muito digno.

«Não houve sacrificio a que se recusassem, rasão que deixassem de produzir para mostrar a necessidade e conveniencia da eleição do seu chefe.

«O sr. Sebastião d'Almeida e Brito, o mais antigo, mais tenaz, mais constante e vigoroso adversario da politica dos irmãos Cabraes, fallou sobre a eleição do sr. José Bernardo da Silva Cabral. — Sou mais generoso que o ministerio que lhe fecha as portas do parlamento, quero lá o sr. Silva Cabral, para que se possa defender e eu combate-lo na parte em que o possa fazer. Desejava contribuir com o meu voto para essa eleição, mas a lealdade que eu observo sempre para com o meu partido não me permitte deixar de votar com os meus amigos politicos. —

«Os cartistas do Porto mostraram que conheciam os seus deveres, e o reconhecimento do seu chefe para com elles deve ser igual á dedicação que por elle mostraram.

«A eleição do sr. Silva Cabral (bradaram elles muitas vezes) não deve ser considerada senão sob a relação politica: sacrifiquem todos os preconceitos, todas as offensas, não sejam menos generosos do que nós, que vamos votar nos membros da Junta, e nos chefes da patulea. Sejamos justos, a rasão estava do lado delles.

«Não havia motivo para indefirir a exigencia dos cartistas, que se offereciam a votar nos srs. José da Silva Passos, Sebastião d'Almeida e Brito, Justino Ferreira Pinto Basto, e Antonio Luiz de Seabra, para que se não votasse nos candidatos que elles apresentassem.

«Cada partido tinha o direito de apresentar os seus candidatos. Tudo isto prova que o partido cartista

do Porto andou com patriotismo e desinteresse no collegio de Santo Ovidio. (1)

---

(1) Não podemos deixar passar os periodos acima transcriptos sem as competentes notas.

Este incenso ao partido cartista do Porto é podre, e mais podre se torna na boca de José Passos.

Até ao momento da liga foram sempre tratados por cabralistas, calecheiros, e quantas alcunhas feias subministra a lingua portugueza; agora já eram *cartistas* ! ! ! É um facto que a grande maioria do Porto é cartista, e que este partido se achava fraccionado parte nos ministeriaes, e parte no centro Terena; intitulando-se estes ultimos *puros*, ou *ferrenhos*. Porem a maxima parte destes são especialmente dedicados ao conde de Thomar, e mui poucos a seu irmão José Bernardo. Logo a exigencia que elles faziam aos progressistas nascia não da sua dedicação a um homem que não reconheciam por seu chefe; mas da exigencia que se lhes fazia por parte de José Passos, que se apresentava como chefe dos progressistas, e a todo o custo queria ser votado no collegio de Santo Ovidio.

Os ferrenhos estavam no seu direito exigindo reciprocidade de vantagens, e troca de chefe por chefe.

Se os progressistas desejavam salvar o seu chefe derrotado no collegio onde se havia proposto, os ferrenhos, não podendo votar o conde de Thomar, apresentavam seu irmão elevado á cathegoria de chefe; não só por não figurarem no contracto em peor situação, mas talvez para humilharem mais seus adversarios, obrigando-os a votar n'um homem que lhes fora mais obnoxio, e que elles sempre qualificaram como caracter mais hediondo da facção cabralista, inclusivè o primeiro *ladrão!*

Logo, José Passos e os seus ou foram calumniadores antes da famosa liga, ou eram agora conniventes em seus crimes, votando-o para represeutante do povo que elles disseram sempre ter esfolado para adquirir as riquezas que hoje ostenta.

Em quanto ao discurso que o historiador põe na boca do distincto advogado Brito, não podemos dizer até que pon-

«Ninguem ignora que o sr. ministro do reino escreveu por mais de uma vez para o Porto = não quero mais um setembrista, porque desta fazenda já cá ha grande copia: vençam ahi pelos meios governamentaes, mas se carecerem de transigir não o façam com os setembristas, e nunca com José Passos, mas sim com o partido dirigido pelo sr. conde de Terena. = Pouco mais ou menos é este o theor das instrucções e confidenciaes do sr. ministro e secretario d'estado dos negocios do reino. (1)

«Na Torre da Marca foi discutida a conveniencia da transacção: o sr. conde de Terena foi sempre d'opinião que se não devia transigir nem com o governo nem com os progressistas. Outros cavalheiros opinavam pela transacção. Mas tratando-se do partido com quem se devia transigir, parece que todos se pronunciaram pelo partido progressista, menos um cavalheiro, que pelo afferro ás suas opiniões, esteve para

---

to seja verdadeiro; porém no caso affirmativo, nós não enxergamos nesse acto generosidade, mas sim interesse. Se os progressistas tivessem maioria no collegio, e offerecessem aos seus adversarios em minoria uma ou duas candidaturas, então viamos generosidade: d'outra maneira vemos dous fracos a negociarem o sangue do mais forte sobre a base d'uma divisão igual da presa...

O mesmo argumento applicamos á generosidade alardeada por parte dos ferrenhos neste contrato de summa iniquidade.

(1) Estas instrucções e estas confidenciaes não passam de puras invenções. A sombra do ministro do reino era um espectro que acompanhava sempre o *valente* caudilho Passos: é pena que o ministro do reino lhe não correspondesse com igual pesadello.

fazer passar o seu partido por um desaire que para sempre o desacreditaria. (1)

«O marechal Saldanha, cujo comportamento nesta desgraçada lide eleitoral do Porto, se não tem nada de louvavel, pode todavia aspirar a um bill de indemnidade.

Na guerra feita ao nome do sr. Sebastião d'Almeida e Brito, não havia nada que censurar no marechal; mas se ella foi aconselhada, authorisada, e promovida pelo sr. ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, é um grande escandalo. A exclusão do sr. Seabra da lista ministerial recommendada pelo sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, é uma infamia tão

---

(1) É notavel a differença de pensar de José Passos no intervallo de quinze dias!

No dia 6 de Novembro dizia elle:

«É urgente continuar a guerra contra a gente desho-«nesta, corrupta, e os ladrões.»

(*Ecco 6 de Novembro.*)

«Todavia, a moralidade não permitte que um partido «se insurja em massa contra os Cabraes, e depois vote nos «seus chefes, que justa ou injustamente incorreram na exe-«cração geral. Toda a transação ou convenção de progressis-«tas com cabralistas não ficava livre da suspeita de que se «havia attendido mais a conveniencias particulares do que «ao bem publico.

«Não pode ter logar.»

(*Ecco 7 de Novembro.*)

No dia 21 deste mesmo mez e anno, já quer, deseja, e realisa essa transação por tantos motivos reprovada!!! Diz mais agora que os ferrenhos da Torre da Marca se desacreditariam transigindo com o governo, e não com os progressistas!!!

José Passos é o proprio que se descarna, e se apresenta aos seus e ao mundo tal qual é. Vejam-no, e admiremno!!!

grande como deixar de guerrear os srs. José da Silva Passos, e Justino Ferreira Pinto Basto. (1)

«O sr. José da Silva Passos desejaria que, apesar dos grandes erros da regeneração, antes a transacção

---

(1) José Passos não quer fazer politica senão com marcas, ou homens que elle possa mandar. e que elle mesmo chama *conscienciosos* e de *convicções*. Entretanto para encobrir as suas vistas pessoaes, falla muito em Britos, Seabras, Herculanos, e outros nomes notaveis; mas tudo isto é para jogo, e nada mais: elle quer fazer sempre sobresahir o seu vulto, e como o seu nome se eclipsa junto com estes, e outros nomes, por isso, quando se trata de votações, desvia sempre por qualquer motivo as notabilidades, e faz toda a diligencia para que vingue a sua *cauda favorita*...

Nem o marechal, nem o ministro do reino guerrearam o Almeida e Brito; e nós estamos convencidos que se elle se apresentasse desligado de José Passos, não haveria em todas as fracções politicas quem o excluisse; mas como appareceu, fez esquecer as suas boas qualidades, e todos o encararam só como eleitor do numero, só como dente de uma roda que se move n'um sentido dado, e assim tinha desapparecido a respeitabilidade do individuo. José Passos faz sempre boiar este nome; mas todos sabem que é um sofisma *ad verecundiam*.

Em quanto ao sr. Seabra, é um facto que elle tinha sido sido apurado na lista ministerial, e que depois apparecera substituido pelo juiz da Relação Silva Amaral.

Essa alteração fez-se na Casa Pia, sem que o marechal, nem o ministro do reino influissem cousa alguma, nem mesmo tivessem tempo de a saber.

Silva Amaral tinha sido candidato a eleitor n'assemblea dos Clerigos; e fora votado sem discrepancia d'um voto pelo partido pragressista. Quinze dias depois vimo-lo votado pelos ministeriaes em Cedofeita, e excluido Seabra para elle entrar em seu logar.

Sabemos que o governo de nada teve noticia, nem podia ter; para nós é por ora um mysterio essa alteração, e o tempo só o poderá revelar.

fosse feita com os amigos politicos do marechal Saldanha, do que com os cartistas; mas tendo conhecido por muito amarga e dolorosa experiencia, que é muito mau em politica seguir os impulsos do coração, e dispensar a cabeça de pensar, conhecia que os seus amigos politicos que opinavam pela transação com a Torre da Marca, e que o arguiam de certas tendencias ou fragilidades a favor do marechal Saldanha, não duvidou cumprir fielmente o que entre eleitores respeitaveis d'ambos os partidos liberaes havia sido acordado. Cumpre notar, que o sr. Sebastião d'Almeida Brito nunca quiz que o seu nome figurasse na lista dos candidatos a deputados: foi por fidelidade aos seus principios, e talvez mais por condescendencia com o seu intimo amigo o sr. José da Silva Passos, que elle consentiu que a lista progressista contivesse o seu nome respeitabilissimo, mas desde que annuiu, declarou que havia de cahir ou vencer com o sr. José da Silva Passos. Tinha-se acordado na vespora em fazer sahir deputados os srs. Passos e Brito, no que não havia difficuldade. (1)

---

(1) Sim, senhor; todas as conveniencias politicas aconselhavam aos progressistas uma liga com o governo; e é nossa opinião que todos aquelles que lhe aconselharem outro rumo, atraiçoam o seu presente, e o seu futuro. Entretanto José Passos determinou-se a ir antes para a Torre da Marca, por dous motivos; 1.º por não seguir os impulsos do seu coração; 2.º porque se sujeitou ao acordo que se havia formado entre eleitores respeitaveis d'ambos os lados.

Nós negamos a veracidade destes motivos. José Passos não s'importava com o marechal, com quem estava mal depois da sahida do Porto em Maio, e muito mais depois da reconstrucção do ministerio; o que elle consultou nesta crise foi unicamente o salvar-se a si e aos seus amigos intimos:

« Todavia o sr. Passos conhece que o que convinha ao seu partido era a eleição dos srs. Brito e Justino; mas nunca foi possivel fazer ouvir a rasão a estes dous cavalheiros para que o sr. Passos fosse substituido por algum delles. Todos tres tinham a mesma significação, todos iguaes serviços á liberdade e ao partido, e os srs. Brito e Justino muito maior aptidão para deputados do que o sr. Passos, que talvez para outras cousas seja melhor. (1)

é esta a sua politica de coração que sempre segue, a politica de cabeça levava-o a attender ás conveniencias geraes e de partido, que elle menospresou no desfecho desta contenda; pois que o seu partido perdera mais do que lucrara na salvação de dous deputados, devidos aos suffragios dos seus figadaes inimigos, e sobre os quaes elle tinha despejado todo o fel da sua imprensa.

Em quanto ao segnndo motivo, é igualmente falso; porquanto era impossivel que eleitor algum progressista fizesse algum acordo sem elle ser ouvido e consultado, nem elle o consentia: logo, allegar taes rasões para justificar um acto que pertence só a alle, é escarnecer a boa fé dos que o seguiam. Pelo contrario elle é que trabalhou sempre neste negocio a coberto da maior parte dos seus mesmos eleitores, e tanto assim é, que o eleitor Parada só soube dos nomes que entravam no *protocolo* cinco minutos antes do acto da votação, como elle mesmo declara pela imprensa, notando a deslealdade com que se andara neste negocio.

(1) Este periodo foi feito muito de proposito para encobrir a verdade da que se passou.

Na primeira proposta feita á Torre da Marca, ficaram fora de combate os chefes d'ambos os lados por ser mui difficil, e até impossivel levarem-se os eleitores todos a este convenio, porque na massa geral havia repugnancias invenciveis. Adoptou-se então a idea de fazer votar nomes secundarios d'ambos os lados; e nesta hypothese foram indigitados por parte dos progressistas Almeida e Brito, a respeito

« É clarissimo, que desde que houve neste paiz um ministro tão fatuo e louco, que fez questão da eleição de quatro homens, só porque tiveram a honra de ser nomeados para governar este paiz, n'uma crise difficilima, e que tiveram a coragem de sacrificar as suas familias, as suas vidas, as suas fazendas pelos seus principios, e pela causa do povo, ninguem lhes disputou em quanto isso pode ter logar a honra de dar a sua cabeça para o carrasco, as suas pequenas ou grandes fortunas para indemnisar os dinheiros gastos em defeza da causa nacional. (1)

« Quando por influencias estranhas não lhes poderam cortar as cabeças, ou fusila-los, e se lembraram que a Coroa ficava desairada, se o sr. Manoel da Silva Passos e mais onze cidadaõs não fossem por algum tempo risidir fora deste paiz: vimos na lista dos deportados recebida pela Junta, e nos jornaes estrangeiros os nomes de mais seis individuos, do que os dous cavalheiros acima alludidos. (2)

---

do qual havia a melhor vontade de se votar; e Parada Leitão, que era o preconisado pelos artistas, e em cuja votação muito s'empenhavam. José Passos não ia contra esta combinação; mas difficuldades que sobrevieram depois da parte d'alguns eleitores progressistas, que desejavam vingasse a candidatura de Justino, fizeram mudar o proposito a José Passos, porque d'outra maneira arriscava-se o acordo com a gente da Torre da Marca, e por conseguinte sacrificou-se a candidatura do Parada, ficando assim burlados os artistas.

(1) Este periodo nem grammatica tem, por isso não podemos atinar com o pensamento do historiador: ve-se que pertence ao tempo da Junta, mas não descobrimos a ligação com os successos do dia.

(2) Este trecho é uma sequencia do antecedente, que não tem relação alguma com a materia subjeita, e que ape-

«Na madrugada d'hontem recebeu o sr. Passos uma carta do seu antigo amigo o sr. Cassiano Tavares Cabral a noticia de que havia sido eleito por Lisboa. O sr. Passos declarou a um seu intimo amigo, que é uma das pessoas mais respeitaveis do Porto = agera estou habilitado a mover os meus amigos a fazerem o que devem, que é eleger pelo Porto os meus dous collegas e amigos os srs. Brito e Justino. Vou d'aqui para casa do sr. Brito ver se elle accede a esta pretenção. (1)

«O sr. Alpendurada e muitos outros cavalheiros podem dar testemunho do desinteresse do sr. Brito, e de quanto lhe custou a adherir o ficar na lista sem o sr. Passos; apesar deste ter declarado que a sua honra, e as conveniencias do partido nacional exigiam a eleição do sr. Justino, que fizera parte da Junta. (2)

---

nas serve para mostrar o desarranjo de cabeça em que se achava o escriptor.

(1) É verdade, José Passos com a noticia da sua eleição por Lisboa ficou com a cabeça um pouco mais alijada do grande pesadello que a oprimia. O que temos a notar é que só depois dessa noticia é que elle se julgasse habilitado a mover os seus amigos ao cumprimento do seu dever; o que mostra a repugnancia que até esse momento havia em todos em sujeitarem-se a uma decisão, embora lhes parecesse justa mesmo antes do alegrão da tal carta do Cassiano!!!

Vejam pois nossos leitores qual era a santidade dos principios que proclamava a companha de José Passos!!!

Abençoada carta do Cassiano.

(2) Para nós e para todos os que tem conhecimento do Almeida e Brito não era mister o testemunho de ninguem para saberem que Almeida e Brito não queria vir á camara nem com Passos nem sem elle. Ignoramos agora o lado por onde encara estes acontecimentos, mas nós, como seu parti-

« Achando-se eleitos por Aveiro o sr. Antonio Luiz de Seabra, por Lisboa o sr. José da Silva Passos, seria indesculpavel que se não votasse nos srs. Brito e Justino, que tinham levado o seu desinteresse e abnegação a não se proporem por outros circulos. (1)

« Por não ferir o marechal Saldanha havia-se resolvido que os membros da Junta fossem votados por Cedofeita, que não tem a importancia politica do collegio de Santo Ovidio, que é propriamente o que representa a opinião do Porto, porque tem o maior numero de eleitores da cidade. Mas o seu sobrinho dirigiu os negocios eleitoraes de maneira que o collegio que a opposição no Porto devia ganhar, fosse o que tinha maior significação politica. (2)

---

cular e verdadeiro amigo, lastimamos que José Passos fizesse jogo encuberto com um nome por tantos titulos respeitavel.

Em quanto á declaração de José Passos de que a sua honra, e as conveniencias do partido nacional exigiam a eleição do membro da Junta Justino Ferreira, julgamo-la de tal natureza, que nos parece que ella excitaria o riso na cidade do Porto, onde se conhecem bem os homens que figuraram neste drama. Ninguem acreditava no que José Passos dissera ou escrevera, e elle mesmo tambem não acredita ; para nós é fora de duvida. Finalmente o que notamos é que José Passos se persuada que taes banalidades ainda adormecem alguem !

(1) A eleição de Seabra julgava-se segura por Aveiro muito antes das combinações do Porto ; e José Passos, quando não guerreasse, pelo menos pouco se importava com a candidatura deste cavalheiro, porque não é dos que elle procura : se o não excluiu das listas do Porto, como o fizera ao Lobo d'Avila, é porque se deram circunstancias que não vem para aqui relatar.

(2) Na verdade, José Passos a escrever, é peor do que

« O sr. Justino Ferreira Pinto Basto, e Sebastião d'Almeida e Brito foram proclamados deputados pelo sr. Lopes Branco do mesmo logar que em 10 d'Outubro de 1846 o sr. José da Silva Passos os tinha proclamado membros da Junta Provisoria do governo supremo do reino.

« Notavel coincidencia. (1)

---

a fallar ; ainda não vimos quem tão miseravelmente comprometta uma causa. Pois quem ignora que José Passos metteu por Cedofeita a Junta, porque alli tinha a sua phalange em força respeitavel, e porque, dando-se o caso de faltar um ou dous votos ao governo para ter maioria absoluta, poderia então manobrar com a sua *élite* com toda a vantagem? Quem pode ou deve acreditar nessa condescendencia para com o marechal? José Passos a ter attenções com Saldanha em materia d'eleições?!!!

Demais, se José Passos era sincero em querer eleger a Junta pela significação politica, para que vai desterra-la para a Cedofeita, que não tem importancia, e a tira de Santo Ovidio, que reputa o *Hotel de Ville* do progressismo? Diganos, sr. José Passos, qual pesa mais na sua balança, o coração ou a cabeça? As attenções d'amisade ao duque, ou as conveniencias da Junta soberana?

Este José é o mais feliz dos Josés do mundo nas entalações em que se viu na questão da precedencia entre elle e Brito para saber-se qual dos dous deveria receber os favores dos *corruptos*; salvou-se de taes embaraços pela carta do Cassiano. Agora na lucta entre seu coração e cabeça, entre Saldanha e a Junta, salvaram-no os desacertos da authoridade, que por uma casualidade lhe entregara o collegio, que é o verdadeiro crisol da opinião do Porto!!!

Ergo, etc. etc.

(1) É verdade; mas com a differença que então foram-no pelo povo, que reagia á tyrannia dos Cabraes, e agora foram eleitos pelos Cabraes, que ainda trabalham pela volta desse governo d'opprobrio e execração; e dous membros dessa Junta que sustentara uma lucta gloriosa são de-

« A colligação não tem nada de deshonrosa. O sr. Brito declarou que estava prompto a sustenta-la na imprensa e na tribuna. (1)

« A politica d'ambos os partidos continua a mesma. Os cartistas são nossos adversarios francos, leaes, e tenazes; os ministeriaes fingem-se nossos amigos, e fazem-nos uma guerra desleal, infame, injustificavel, e impropria de cavalheiros. Figuram como partido por a influencia da Coroa, e porque dispõem na conformidade das leis do cofre das graças, e dos dinheiros publicos. (2)

---

clarados filhos adoptivos dos mesmos homens que então guerrearam ! ! !

Notavel coincidencia !

(1) Assim fallaram sempre todos os que se conspurcam com actos reprovados. O sr. Brito ha de sem duvida dizer cousas mui lindas, mas nunca fará do preto branco, nem mudará a natureza ás cousas. Temos visto muitos homens grandes gastarem-se em defeza de cousas perdidas.

(2) Sim, os Cabraes continuam a ser Cabraes concussionarios e ladrões; e os progressistas votaram agora nelles para poderem novamente assenhorear-se do poder e seguir a mesma estrada. O governo é infame porque os combate, e os progressistas são bons e honrados porque votam nelles, porque suspiram pelos ferros com que os algemaram por tantos annos, porque desejam as bocas arrolhadas por essa lei de sangue que fora elaborada no synedrio da tyrannia por esses proprios Lopes Branco, e Antonio Emilio que os membros da Junta soberana fizeram deputados no proprio local da sua instalação ! ! !

Se isto não é vergonha, não ha vergonha no mundo. . .

Vós progressistas do Porto dizeis que o governo vos fez uma guerra infame ; aduzi provas, e citai factos para os compararmos com os assassinatos de Alvarães, mandados fazer por esse mesmo que agora votaste para representante do povo ! ! Basculhai os vossos annaes, e ficareis confundidos.

«Um acontecimento desagradavel teve logar hontem.

«Os progressistas, como homens leaes e cavalheiros, cumpriram o compromisso com a lealdade que distingue o partido; os chefes cartistas não se houveram com menos primor, mas alguns dos seus soldados faltaram ás regras da disciplina.

«Os seus chefes no fim do escrutinio que sahiram os srs. Lopes Branco e Sousa Brandão, dirigiram as mais bem merecidas e severas palavras aos seus correligionarios.

«Os nossos adversarios (diziam suas excellencias) são cavalheiros e perfeitos homens de bem, somos adversarios da sua politica, mas admiradores da sua honradez, e fidelidade á sua palavra.

«Uns e outros se persuadiram que os cartistas tinham trahido os setembristas, estes disseram as verdades mais duras, e amargas aos cartistas, que sofreram com uma resignação as exprobrações que se lhes fizeram, se elles tivessem tido parte em tão grande falta.

«Os cartistas respeitaveis que alli assistiam declaravam alto e bom som, que não queriam pertencer a um partido d'infames que contractaram e depois faltavam!! A indignação era geral nas salas e fóra do collegio eleitoral.

O povo que vos fez eleitores foi ludibriado, e vilmente escarnecido por vós progressistas. A vossa divisa antes das eleições primarias era = *guerra aos Cabraes*, = e no collegio eleitoral abraçastes-vos com elles, e levaste-los ao capitolio!! Quem será o infame, vós ou o governo?

Nas procurações que vos deu o povo haveria a clausula de = transação com seus inimigos? = Não por certo. O que houve foi o sacrificio dos interesses e direitos do povo nas aras do vosso egoismo....

Vimos correr as lagrimas a S. Ex.ª o sr. visconde d'Alpendurada. O sr. Lopes Branco fallou aos seus eleitores com a dignidade e energia propria de chefe de partido; S. Ex.ª declarou = rasgo o meu diploma, se os cavalheiros que nos compromettemos a eleger, não forem eleitos.

O sr. Almeida e Brito dizia para o sr. Passos: = pede a esses cavalheiros dous nomes dos seus correligionarios, e elles verão que vamos votar nelles com a mesma lealdade e boa fé com que votamos nos srs. Branco e Brandão.

« O sr. Passos disse não annuo, porque desejo deixar estes livres para cumprir os seus compromissos ou para nos trahir; porque a traição só deshonra a quem a commette. Os srs. Pinheiro Caldas, Thomaz Alves Guimarães, Campos Vianna, e muitos outros deram todas as provas que tinham o mais decidido empenho de salvar a honra do seu partido, e de figurar em politica como homens leaes e de bem.

« A politica exige que o comportamento dos partidos seja tão regular e moral como o deve ser na vida particular.

« O sr. conde de Terena veio a galope da Foz para o Porto para salvar a honra do seu partido.

« Era opposto á transação, mas depois de feita, não admittia senão que fosse lealmente cumprida.

« Todos nós sabemos, qual seria o prazer da familia Terena, vendo eleito pelo principal collegio do Porto o sr. Antonio Emilio Correa de Sá Brandão; pois saibam que o sr. conde de Terena levou a nobreza do seu proceder a dizer a alguns cartistas, que davam a S. Ex.ª parabens pela eleição do sr. Brandão = não me insultem, não recebo parabens pela eleição de meu filho, em quanto o compromisso não estiver cumprido.

Esperem que sejam proclamados deputados os srs. Brito e Pinto Basto e depois receberei os parabens gostoso. Adversarios politicos do fidalgo nosso patricio e amigo particular folgamos de deixar registrado o seu proceder que reverte em honra da nossa terra.

« Os cartistas nossos patricios e eleitores de circulo portaram-se cavalheirosamente, e não tiveram culpa no acontecimento desgraçado que teve logar no primeiro escrutinio, e que para sempre deshonraria o partido cartista do Porto, se não fosse reparado no segundo escrutinio pelos esforços dos eleitores cartistas.

« As scenas que se passaram provaram que a honra e lealdade e boa fé é a affeição proeminente dos portuguezes.

« Os cartistas ouviram cousas muito desagradaveis dos seus correligionarios e dos setembristas, sofreram com uma resignação superior a todo o elogio. Os que se excederam, abracem-se com os que censuraram talvez injustamente.

« Temos de continuar a pelejar em campos differentes. As nossas relações no collegio de Santo Ovidio não involveram sacrificio algum de principios. A nossa colligação foi nobre, honrosa e digna d'homens livres, e que sacrificam tudo pelo bem desta pobre terra a que tudo devemos.

« Se não podemos concordar todos nos meios de salvar este paiz, continuemos as antigas relações d'amisade particular que ja tinhamos e as que alli adquirimos.

« Quaesquer que sejam os dissabores que todos alli tivemos, lembremo-nos que os sofremos pelo triumpho de grandes principios e por nos desafrontarmos das injurias, que a todos nos fez um ministro notavel só por ser um dos primeiros oradores do paiz; e que pelo

seu proceder nestas eleições tem feito convencer até aos mais incredulos, que é intolerante, e summamente exclusivista.

« O sr. conde de Thomar se tinha as mesmas ideas do sr. Fonseca Magalhães, procedia com outro tino e capacidade, porque não ostentava em publico as suas ideas exclusivistas, como o nobre ministro ou pelo menos os homens da sua confiança.

« A eleição dos srs. Lopes Branco e Sousa Brandão é muito mais justificavel que a dos srs. Antonio José d'Avila, Antonio Coelho Louzada e Wanzeller, que de certo não querem passar por menos cartistas do que aquelles cavalheiros.

« O sr. Antonio Emilio mandou prender o sr. José Passos sem motivo justificado. É verdade; e o sr. Campos Vianna soffreu no tempo da Junta, e votou nos seus membros. Em politica não ha a palavra = nunca = como diz um dos primeiros homens d'estado da Europa.

« Não queremos que a honra de nomear deputados cabralistas pertença exclusivamente ao sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães; tambem folgamos de contribuir para que todos os partidos sejam representados.

« Não somos nem queremos ser exclusivistas. Um grande bem se tirou destas eleições; é a necessidade que ha d'acabar com o systema indirecto.

« Esperamos que não haja deputado que vote por semelhante systema. Seja o grito do paiz — eleições directas em circulos de um deputado com o seu competente substituto.

« Parece que os amigos do sr. visconde d'Oliveira exigem que se combata a eleição de Santo Ovidio para desaggravo de S. Ex.ª

« Bom será que isso tenha logar para que as ses-

sões sejam o mais tempestuosas, e se apresse uma crise, que se não for resolvida pela sabedoria do chefe do Estado, poderá vir mais tarde a ser decidida por outros meios mais efficazes.

« Desde que ha um ministro, que ameaça com a dissolução, é uma infamia dar-lhe apoio, salvo quando elle tiver rasão, ou propozer medidas para o bem do paiz.

« Uma opposição systematica não pode ter logar; e era fazer ao sr. Fonseca Magalhães uma honra que elle não merece, nem nunca mereceu. O sr. duque de Saldanha é estranho a todas estas torpezas que se praticaram no Porto, mas apesar de ser presidente do conselho, parece-nos que não é obedecido por ninguem, senão pelo general da provincia, que é o modelo dos empregados publicos.

« A transação com o governo só se podia justificar para fazer vingar a candidatura do sr. Garrett; mas desde o momento que os ministeriaes o substituiram não havia motivo que a podesse justificar, salvo se fosse para observar á risca uma maxima do Evangelho.

« O Marechal não queria transacção com a Torre da Marca; e houve tanta deferencia para com S. Ex.ª, que fizeram cahir o seu unico recommendado, quando o podiam fazer sahir por Cedofeita.

« Com os agentes ministeriaes eleitoraes não se pode ir para o ceo. (1)

(*Ecco*, jornal progressista, 21 de Novembro de 1851.)

---

(1) Pela simples leitura desta narração, e seus episodios mais ou menos repugnantes, pode formar-se um juizo do estado mental dos eleitores influentes dos dous bandos extremos no collegio de Santo Ovidio. O acordo feito sobre

Historia da eleição do Porto pelo Periodico dos Pobres, jornal dos cartistas puros.

«Não é bastante o que temos dito a respeito da eleição do 1.º circulo desta cidade, e estamos compro-

---

os nomes que deveriam ser votados d'ambos os lados não fora communicado a todos os eleitores, e só no momento da votação é que lhes entregaram as listas para irem depositar na urna como lhes era ordenado pelos respectivos directores. Os de José Passos votaram á carga cerrada na lista que se lhes entregou ; porém os da Torre da Marca, como *corruptos*, e falhos de *disciplina*, excluiram das suas listas os membros da Junta, não s'importando com os artigos secretos do *protocolo*.

Ao saber-se o resultado do primeiro escrutinio, todos ficaram petreficados. . . As baias, as invectivas, os sarcasmos pungentes, fizeram retinir as abobadas dos salões ; a palidez no rosto d'uns, a desesperação no d'outros, as *lagrimas no do Alpendurada* era na verdade um espectaculo que *cortabat fios almæ* ! !

O Lopes Branco queria rasgar o seu diploma, e, qual outro Catão, dispunha-se já a rasgar o peito para mostrar a sua *incorruptibilidade* aos membros da Junta, e provar ao mundo que alli não morava a negra traição. Mas neste momento chega o conde de Terena, e brada que não aceita parabens sem que fossem salvos do naufragio traiçoeiro os membros da Junta. *Sejamos agora todos junteiros para pregar pirraça ao Rodrigo, que não quer Cabraes nem a Junta.* E a paz deu entrada neste logar onde tudo era confusão, um verdadeiro cahos. . .

José Passos estava palido por ter cahido no laço, e não saborear os fructos de tantas baixezas. Almeida e Brito já queria votar em dous Lopes Brancos para mostrar a lealdade do seu partido ; mas José Passos não *annuiu* só para *salvar a honra* do convento. Lopes Branco pagou este desinteresse por um acto de sabedoria eleitoral. *Fez votar a sua gente em listas abertas ! !* E tudo para evitar uma segunda traição ! ! !

Todos os dissabores desse dia *aziago* foram pelo *trium-*

mettidos a tratar deste assumpto com toda a extensão. Vamos fallar ainda nelle de cabeça erguida, sem a vergonha das incoherencias e das transformações, nem a

---

pho de grandes principios, e por se *desafrontar a injuria que a todos fizera o ministro do reino* ! ! !

Custa a crer que um homem, que aspira a ser chefe de partido, escreva na epocha em que estamos sandices desta ordem ! ! !

Os ultimos periodos davam logar a muitos commentarios, porque abundam em miserias, contradições, e falsidades de toda a especie.

Mas para dizermos a verdade, já nos enjoam tantos disparates.

Porem o que não podemos deixar sem uma nota especial, é a ameaça de uma nova revolução, se o chefe do Estado não resolver uma pressuposta crise na futura camara.

A politica actualmente seguida não é retrograda, nem opressiva ; antes a mais liberal e conciliadora que temos visto seguir até aqui, *inclusivè* no tempo favorito de José Passos. Por conseguinte, se José Passos, ou outro qualquer ambicioso tentar o transtorno da ordem publica, terá logo o pago da sua audacia.

O paiz já está cançado de revoluções, por uma triste experiencia já sabe qual a final vem a ser o resultado de todas ellas. A salvação dos grandes principios, é d'ordinario a tessara dos corifeos dos bandos, que em ultima analyse cuidam de si, e não s'importam nem dos odios, nem das affeições populares ; e a ultima prova deu-a José Passos, e os mais influentes em Santo Ovidio, onde só trataram de si, e de nada mais. . .

Na celebre discussão de Santo Ovidio, atropelaram-se as leis com o maior escandalo só para saciarem-se os odios pessoaes ; e se por nossa parte nunca aprovaremos essas simulações que serviram de cavallo de batalha, estamos igualmente bem longe d'aprovar as decisões que se tomaram na exclusão facciosa do visconde d'Oliveira, e na celebre questão dos regedores.

O collegio, como tribunal de jurados, podia e deveria

cobardia desses procedimentos vis e deshonrosos, que fazem safados os nomes de alguns homens.

« Haviam-se presenciado as immoralidades e as torpezas que a authoridade empregára para vencer as eleições primarias, e á frente desses escandalos, todos insolitos e inauditos, não ha quem deixe de ver os regedores do concelho de Gaya feitos eleitores, por meio da simulação mais torpe que os habilitou para poderem ser eleitos, contra a expressa disposição da lei que os fizera ineligiveis. Desde as eleições primarias essa authoridade, que marcou no Porto uma epoca de vergonha e de aviltamento para o ministerio, começou a empregar toda a sua attenção em vencer as eleições nos collegios, e para isso nem se omittiram os meios mais indecentes e violentos. (1)

---

até excluir todos os que apresentaram diplomas de demissões anteriores ao acto eleitoral; descobria-se que houve alli um proposito d'illudir as prescripções da lei eleitoral; mas não tendo sido prevista esta hypothese, e não estando o collegio encarregado da emenda da lei, devia cumpri-la da sua parte, porque as simulações apontadas nunca justificariam as suas exorbitancias.

Emfim o collegio não se contentou com a pena de talião, quiz ir mais adiante, pagou uma simulação com uma atrocidade. E quem será mais criminoso?

Finalmente como não ha males que não tragam alguns bens apos de si, sirva-nos isto ao menos de lição; e que todos se convençam que a verdadeira simulação está neste systema indirecto, que é uma pura mentira eleitoral.

(1) É notavel o despejo com que fallam agora os homens das listas *carimbadas*, *riscadas nos intervallos*, *lineares*, feitas em papel de cores differentes, e conhecidas por seu tamanho e formas d'antemão combinadas entre os chefes. Os homens dos cacetes, das prisões, das baionetadas, e de quantas invenções se poderam imaginar para reduzir o processo eleitoral a uma pura maquina de fazer os *um a um*!!!

« Alguns influentes cartistas que reconheceram a necessidade de combater o governo, e de trabalharem nas eleições com o centro cartista, foram infamemente comprados pelos agentes da authoridade, e de amigos com quem se havia trabalhado, se converteram em adversarios mais ou menos simulados, fazendo estas defecções vergonhosas diminuir as nossas forças em ambos os collegios. No segundo nós mencionamos a traição infame do sr. Antonio Ventura, que estando compromettido com o centro cartista, entregou ultimamente ao governo os eleitores da Maya, sendo para isso restituido logo a administrador daquelle concelho, e elles postos sem demora debaixo da sua vigilancia, depois de ter recebido as nossas listas! Chamamos-lhe um traidor infame, pois que temos a par dos factos praticados por esse tristissimo cavalheiro, o seu compromettimento por escripto. Chamamos traidores tambem ao sr. Tiberio, e a mais uns senhores de dous concelhos, que ainda não queremos expor ao publico com este ferrete.

« O sr. governador civil não se contentou com as vilezas que commetteu para corromper e violentar os eleitores; não se satisfez em os mandar vir debaixo da guarda dos seus administradores, e estes os trazerem sempre debaixo de forma por essas ruas, e assim os levarem e meterem nos collegios, tornando a conduzi-los do mesmo modo para as hospedarias, aonde estiveram á custa do cofre central, do qual parece que já doia a consciencia ao sr. Ferreira Borges de se tirar tanto dinheiro. O sr. governador civil fez mais, foi aos collegios distribuir listas pessoalmente aos eleitores, e a alguns até perguntava se estavam bem, ou se lhes faltava alguma cousa! O sr. governador civil já disse, que estava farto *de comprar eleitores, de agiotar com*

elles, e de intrigar. Será isto verdade, sr. D. Pedro?

« Sabe-se que as eleições primarias no Porto deram ao governo grandes cuidados. Veio aqui um vapor de guerra com instrucções, sendo mandadas por terra as segundas vias, de que foi portador um ajudante do duque de Saldanha. Graças, empregos, dinheiro, tudo foi posto á disposição dos honestos agentes do ministerio. Houve mesmo um administrador *muito modesto* que foi tentar um eleitor, offerecendo-lhe trinta moedas: em casa de uma toucinheira esteve depositada uma somma de libras; annunciou-se a demissão dada ao sr. Joaquim Luiz de piloto mór.... em fim ninguem havia na cidade, que não estivesse pasmado e indignado com tantos escandalos.

A nossa derrota era pois forçosa no 2.º circulo, porque compondo se na maior parte de eleitores dos concelhos ruraes, todos estes meios de que a authoridade usava com um *desaforo inexplicavel*, erma insuperaveis, tendo por força de ficar em minoria quem não podia medir-se com armas tão desiguaes.

Cabe aqui dizer que os setembristas no 2.º circulo se houveram com uma independencia e união admiraveis: eram 50 os seus eleitores, e 50 votos completos teve alli a lista em que accordaram, exemplo que devera servir de lição, para quem ainda precisa de aprender. (1)

No 1.º circulo as cousas mudaram muito de figura, porque alli a maior parte dos eleitores era gente de

---

(1) Tudo isto são as banalidades que entram sempre como parte forçada nas chiadeiras eleitoraes depois d'uma derrota.

principios, com quem o governador civil nada tinha que tentar. A uma defecção porém infame e *aleivosa* devemos nós termos alli ficado em minoria. Sabe-se a quem alludimos, querendo ainda poupar-nos ao dissabor, á vergonha mesmo de pormos em publico a traição mais singular, que nunca fôra vista, e com que jamais se podia contar. Se no 2.º circulo a maioria dos eleitores era nossa, no 1.º muito mais segura a tinhamos; e com tudo depois dessa defecção ficámos com 33 eleitores seguros, os setembristas tinham 27, e o resto era do governo, para onde se haviam passado quinze em virtude della. Antes dessa defecção tinhamos por tanto 48 eleitores, e se não fossem as violencias no concelho de Gaya, fazendo-se alli eleitores dez regedores ineligiveis por lei, a nossa maioria era consideravelmente superior.

«Ja se vê que naquellas circunstancias nem o governo, nem nós, e nem os setembristas tinham maioria no collegio do 1.º circulo. — Se cada contendor tivesse querido entrar na lucta com as suas proprias forças, a sorte e a fortuna della decidiria no primeiro, no segundo, ou no terceiro escrutinio por qualquer das partes; mas o sr. governador civil que desde o principio havia procurado o apoio dos setembristas, e negociado com elles; — o sr. governador civil que havia demittido authoridades e empregados, para elles promoverem as suas candidaturas; — que mesmo as havia recommendado, ordenando a alguns administradores que fizessem somente o que lhes indicassem certos e determinados cavalheiros; — o sr. governador civil que na vespora das eleições primarias pactuou com o sr. José Passos, obtendo por isso os resultados de Massarellos, *que o hão de honrar* para sempre; S. Ex.ª á proporção que a reunião dos collegios se approximava,

cada vez mais ia sollicitando uma transação com os setembristas, com quem ja tinha dito que era necessario o governo unir-se, para não ser vencido pelos cabralistas! — Se não estamos mal informados, é isto até o que o sr. governador civil disse, quando se lhe foi dar parte da reunião na Torre da Marca.

« Eram repetidas estas tantavivas do sr. governador civil, para fazer uma transação com os setembristas. — Metteu-se de permeio a difficuldade que o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães lhe communicara, se fossem eleitos os membros da Junta do Porto, e por fim a questão reduziu-se á candidatura do sr. José Passos, a quem tambem certo agente do governo individualmente fazia guerra aberta. — Tinham principiado os trabalhos do collogio do 1.º circulo, e uma circunstancia do momento havia feito eleger o sr. Lopes Branco para presidente pelos eleitores cartistas e setembristas, e entre alguns chefes deste partido se fallou publicamente na mesma sala do collegio em uma transação com os castistas. — Alguma proposta para este fim se chegou a fazer neste sentido por parte daquelles chefes na terça feira de manhã ao partido cartista, e sem começarem negociações nenhumas, as cousas se conservaram de parte a parte em expectativa.

« Os agentes do governo pareciam por uma parte querer alguma cousa differente do que o sr. governador civil pertendia, e com elles estava de intelligencia algum alto empregado de S. Ex.ª que nos primeiros oito dias immediatos ás eleições primarias, fazia insinuações a alguns dos nossos eleitores, para as cousas se levaram a um accordo. — Esse empregado chegou mesmo a indicar a casa de um desses eleitores, onde elle devia apparecer, e os agentes do governo, e disto se preveniu o sr. Lopes Branco, a quem aquelle mesmo

empregado o communicou em um encontro com S. Ex.ª —Sabemos que o sr. Lopes Branco nunca se deixou illudir com as apparencias que viu, desde o principio de todo este negocio, e ficamos aqui para não rasgarmos o veo, que cobre muito miseria, para não se lhe chamar outra cousa.

«No entanto esses agentes do governo, pondo á parte o sr. visconde de Oliveira, chegaram ao termo da corrmpção e das violencias, que julgaram precisas; e então aquelle empregado julgou que devia prevenir o eleitor, por via de quem eram feitas todas aquellas insinuações ao centro cartista, que não contasse já com as pessoas por quem esperava em sua casa, apparecendo logo em publico os escandalos da authoridade todos patentes, e que não estavam em harmonia com as pretenções de honestidade que sempre sustentara quem os praticava.

«Apesar das intrigas com o sr. governador civil nem por isso S. Ex.ª abandonava as eleições, o que *incommodava os ministeriaes rodriguistas.* O sr. governador civil queria a transação com os setembristas, e isso era conforme com a vontade do duque de Saldanha de quem o sr. José Passos estava recebendo cartas, nas quaes lhe desaprovava a *conducta ministerial*, e a do governador civil para com elle. — O nome porém do sr. José Passos era sempre a grande difficuldade, porque o sr. Rodrigo não consentia na sua candidatura. — Mas as tendencias do sr. governador civil para os setembristas eram tão fortes, e os seus actos anteriores tanto em harmonia com os interesses daquelle partido, que pelo que presenciámos ultimamente, o sr. governador civil tinha contrahido grandes comprometlimentos, para fazer eleger os membros da Junta

do Porto, aos quaes por fim na confecção das listas para os dois collegios faltou inteiramente. (1)

«Os setembristas estavam por isso desapontados com o sr. governador civil, e na antevespora da eleição mandaram aos cartistas as suas propostas. Pela sua parte os agentes do governo tambem lhe mandaram propor transações, mas nunca com a franqueza e a abertura com que os chefes setembristas o faziam. Não escrevemos nomes e pedimos que nem nos obriguem a isso, porque ha de pesar a mais de uma e de duas pessoas. — Isto pelo que pertence aos agentes do governo. — O sr. governador civil pela sua parte não cessava de convidar os chefes setembristas á transação, que pertendia fazer com elles. — Assim estavam as cousas na vespera da eleição. — Tinha o collegio despedido o sr. governador civil da sala, onde se achava reunido, e é quando acabava de soffrer este desaire, que S. Ex.ª sem poder com o vexame que o devera envergonhar para considerar a sua posição, dentro do mesmo edificio chama os chefes setembristas, para lhe tornar a fazer as mesmas propostas. O sr. Sebastião de Almeida

---

(1) Em toda esta narração dos dicterios, intrigas, afagos, e ameaças que se trocam os influentes dos bandos politicos em toda a parte, e em todos os tempos, nada temos a notar senão a fertilidade da invenção. Encontram-se os dous extremos em certos pontos que servem de topicos communs, v. g. = Guerra do ministro do reino a José Passos e todos os membros da Junta = Tendencias do governador civil para os setembristas, assim como do duque de Saldanha = Tendencias oppostas do ministro do reino *divide eut impres* posto em execução em grande escala = Alardeamento de forças collosaes = Grande fanfarronada de *pureza de principios*, e de *desinteresse pessoal* = Guerra ao ministerio e seus amigos, a quem chamaram até não sabemos que feios nomes, etc. etc.

e Brito reprehendeu severamente a S. Ex.ª a traição com que lhe disse os havia tractado; e rogado para se esquecer do passado. o sr. Almeida e Brito insistiu que nada queria com o sr. governador civil, porque o tinha trahido na promessa da eleição de dous membros da Junta, e nesse caso tractasse com o sr. José Passos que podia ainda ser homem de boa fé com S. Ex.ª

« Estas altercações á vista de toda a gente que não cabia na sala do collegio, e de muitos eleitores, fez que o sr. Barros Lima aconselhasse o sr. governador civil e o sr. José Passos a se recolherem a um quarto, aonde estiveram muito tempo em conferencia, na qual o sr. governador civil parece lhe acceitára todas as condições, restando somente a duvida da candidatura do sr. Alves Martins, em quem o sr. Passos nem os seus queriam de modo algum votar. — Nessa noute o sr. governador civil repetiu as suas instancias com o sr. José Passos, e estava se na vespora da eleição como já dissemos.

« Ao mesmo tempo os agentes do governo sollicitavam com mais força a transação com os cartistas, e propunham-lhe pela sua parte o sr. Fontes de Mello, que é um dos ministros (!!!), e o sr. Alves Martins. — Era negocio resolvido por uma grande maioria de eleitores cartistas, que nunca uma transação com o governo, e antes uma derrota; — que no caso de coalisão antes com os setembristas, porque estes eram um partido; e com o ministerio este diria que nos tinha absorvido, feito desaparecer no Porto o partido cartista, e rasgado o manifesto que o centro publicára.

« No dia da eleição ás 9 horas estava o sr. governador civil conferenciando com o sr. José Passos. — Já nem nesta candidatura havia duvida, e a falta de accordo vinha somente do nome do sr. Alves Martins, porque os setembristas lhe chamavam renegado, e pre-

feriam perder a eleição. — Os agentes do governo repetiam as suas propostas, e ha uma carta com um *ultimatum*, que patentea a perfidia com que sempre andaram, suppondo nós que a pessoa que a escreveu, esteve sempre de boa fé; até mesmo quando se dirigiu á casa do centro cartista, para lhe fazer propostas antes das eleições primarias, sahindo da casa do alto empregado do governo civil, de quem temos fallado, com dous cavalheiros, um delles o sr. Lousada, que não chegaram a appresentar, porque então não estava presente o sr. Lopes Branco.

« O governo contava com trinta eleitores no collegio, e alguns eram puramente de outro senhor, o sr. governador civil tinha de certo mais de dez, para poder garantir a transação com os setembristas. — Todas as intrigas no momento em que a eleição ia principiar, davam em resultado uma derrota aos cartistas, e o governo tinha conseguido a maior vantagem eleitoral, a que aspirava o paiz.

« Esses guerrilhas que aqui nos andavam incommodando, e dous ou tres cartistas *incorruptos*, que tão reconhecidos se tem mostrado ao seu partido, e ao que devem a certos homens, sem os quaes nunca seriam nada, estavam a ver chegar o momento em que podessem cahir sobre o nosso acampamento, para arrearem a bandeira que alli tinhamos levantado, rasga-la, e calca-la aos pés. — Era obra de mais dez eleitores; as seducções, e os seus recursos, porque são homens de grande talento, davam-lhe esperanças em quanto os cartistas se adormentavam com propostas disparatadas e ignobeis.

« Por outra parte não estava menos imminente uma derrota dada pelos setembristas juntos com os eleitores do governo, porque o sr. governador civil por fim

cedia da candidatura do sr. Alves Martins, á qual pessoalmente tinha grande repugnancia, mas que havia sustentado para não faltar ás ordens do ministro do reino; e esta derrota era de um effeito peor, porque os setembristas tinham visto no manifesto do centro cartista os principios rigorosos, que condemnam a revolta, e o direito do seu partido a todas as consequencias da regeneração. (1)

«N'um momento se dissiparam todas as intrigas e as trapaças, a que devemos não termos triumphado completamente. — Os cartistas e setembristas entenderam-se; as candidaturas que mais representavam o centro cartista, e os principios por este proclamados, foram acceites por elles, e os cartistas lhes acceitaram igualmente as de dous chefes seus. — Este facto desenganou os representantes do sr. Rodrigo, e aos cartistas *honestos* que tem feito um papel conspicuo neste negocio eleitoral, — deve ter desenganado a estas horas cruelmente ao governo, que não ha senão cabralistas e setembristas; porque no momento em que estes acharam dispostos os cartistas para aquelle accordo immediatamente abandonaram os afagos do sr. governador civil, e lhe despresaram todas as instancias para o fazerem com S. Ex.ª

---

(1) Occupa-se o historiador com essas propostas que se trocam em taes occasiões, já d'entre um ou mais eleitores sem a mais pequena combinação com o seu partido, já de parlamentarios com suas credenciaes em forma, que se cruzam em todos os sentidos, dirigindo-se a todos os bandos, fazendo propostas as mais seductoras, mas as mais das vezes sem animo de tratarem.

São ardis velhos e já muito conhecidos, e dos quaes hoje já ninguem faz caso, a não serem os tirões eleitoraes.

«Vencer, e dar uma derrota ao governo, foi unica e excluzivamente o ponto de contacto entre os dous partidos. — Houve de parte a parte decoro e cavalheirismo; — nobreza de sentimento e lealdade. — A eleição do 1.° circulo foi um acto solemne e respeitavel, durante todos os dias em que aquelles trabalhos estiveram abertos. — Não appareceram alli as reconvenções dos partidos, o odio, e nem o tumulto. — Cada partido fazia com galhardia a mais nobre ostentação dos seus principios. — O que dominava a todos, era o desejo de derrotar o goveruo, que não teve no collegio quem erguesse a voz para defender os seus agentes das torpezas que commetteram. — Affirmaram-nos que o sr. Lopes Branco dissera ao sr. José Passos n'uma occasião em que se foi sentar entre S. Ex.ª e o sr. Conselheiro Vieira da Motta, em quanto corria a eleição, que o seu nome que alli apparecia nas listas, era o daquelle cartista que ainda agora estava disposto a fazer o mesmo que em 1847 praticou em Vizeu no tempo da Junta, se desgraçadamente tornasse a vir outra occasião similhante, perguntando-lhe por graça, o que elle, sr. José Passos, e os seus collegas lhe fariam se nesse tempo o apanhassem?

«Esta firmeza de lealdade ennobrece o partido, em honra do qual é sustentada; tira todos os equivocos, quando os podesse haver; e revella o pensamento que o levou a accordo com outro. — Que se comparem com este rasgo de franqueza essas hesitações infames, e os escrupulos imbecis, que nos tem levado ao dominio dos nossos adversarios, expondo o paiz, no estado a que nos tem conduzido, a acontecimentos de uma gravidade cruelmente assustadora.

Aqui está como a bandeira, que o partido cartista levantou no Porto, salva da traição e das vilezas, com

que os agentes do governo nos combateram. — Os nossos adversarios lhe prestaram homenagem, reconhecendo que pugnavamos por principios e que o governo não tinha nenhuns. — Com as forças que apresentámos em campo, mostrámos que o partido cartista tinha grandes meios e recursos; porque ajudando o sr. governador civil e favorecendo aos setembristas desde o principio em todo o negocio das eleições, vindo a desitelligencia com elles somente das ultimas recommendações do sr. Rodrigo contra a candidatura do sr. José Passos; lutando por tanto com os nossos adversarios com tanta desvantagem, e com as violencias e infamias da authoridade; nós apresentámos um numero de eleitores. que fez ter em respeito para comnosco aos setembristas, e aos ministeriaes ao dar o ataque.

« Conseguimos dar ao governo e ás nações estrangeiras o desengano da importancia que o partido cartista tem no Porto, e por consequencia em todo o paiz, porque pela d'aqui se afere sempre com justo motivo a opinião geral. — O manifesto que o partido cartista aqui publicou, não foi rasgado pelos fariseos, a quem o sr. Rodrigo tinha encarregado a obra meritoria de nos desacreditarem, e vencerem.

« A estas horas estará o sr. Rodrigo arrependido da sua leviandade, e com o remorso de ter exposto a sua patria a males incalculaveis. — Nós permanecemos no posto que tomamos, com toda a firmeza das nossas convicções. — Combateremos pelos principios com a mesma franqueza e denodo, fazendo votos para que Deos afaste de nós os males que vemos imminentes; e permitta que os homens que nos governam, vejam a tempo a sua, e a nossa situação.

« Concluimos agora pedindo a *quem tiver bom gosto*, que dê tambem comnosco *parabens* ao sr. D. Pe-

dro da Costa de Macedo, pelas acções grandes que praticou, e pelo porte verdadeiramente de fidalgo que S. Ex.ª soube ter em todo este negocio de eleições; — e ao *Braz Tizana* nós pedimos, que não tenha hoje tanta aversão aos setembristas, depois de ter pactuado com elles a reforma da Carta pelo meio revolucionario proclamado n'um motim nocturno; e de concorrer o que pensava que podia, com o fim de lhe agradar para a proscripção de um partido, que o *Braz Tizana* era o ultimo que devia trahir. — E com tudo estes ingratos não tiveram força para fazer que a lista ministerial no dia 2 deixasse de ser *imperceptivel*. (1)

---

(1) O historiador dos ferrenhos repassado d'um fanatismo, que se aproxima a odio, pretende justificar o passo errado que deram os homens da Torre da Marca. Nós não admiramos nem o proceder que tiveram, nem o que agora diz em seu abono; porque os conhecemos de perto, e sabemos até onde podem chegar os seus recursos intellectuaes. O interesse pessoal e de momento é que actuava sobre todos elles, deixaram-se dominar por um sentimento de vindicta, que sempre é efemero e de consequencias perniciosas.

Parece-nos que naquelle aturdimento de cabeças ninguem se lembrou do pundonor de partido, nem de conveniencias politicas.

Mas para sermos mais explicitos e sinceros não vemos no grupo da Torre da Marca uma cabeça fria, e que comprehendesse verdadeiremente o terreno em que se collocaram todos; nem o desenlace que podesse dar ás difficeis situações que deveria offerecer-lhes o drama em que representavam.

A leitura que fizemos do seu celebre manifesto deu-nos a conhecer o quilate intellectual dos homens que o assignaram.

O partido cartista é o predominante no Porto, e José Passos, ou qualquer outro que represente idéas extremas terá sempre a reprovação da urna, logo que ella esteja verda-

Historia da eleição do Porto pelo sr. Brito.

«Acabo de ler em um jornal ministerial de Lisboa que eu resignaria o diploma de deputado que me fora conferido no collegio eleitoral de Santo Ovidio, segundo lhe constava de boa fonte. Approva a minha resolução, e attribue-a a não querer eu reconhecer e sanccionar com a minha acceitação o *pacto monstruoso* de que deram noticia os jornaes desta cidade.

«Nem agradeço os louvores, nem acceito a qualificação.

«E como em um outro artigo da mesm folha o

---

deiramente desafrontada como agora esteve, e todos tem confessado.

Os homens que representam no Porto a industria, o commercio, e a propriedade não cuidam de nomes, nem dessas variadas denominações que os bandos politicos se arrogam; o que ambicionam é liberdade, ordem, e estabilidade na governança do estado; tudo o que não for isto, é e será sempre repellido pela grande maioria d'uma cidade, onde residimos por dez annos, e onde adquirimos relações que só a morte apagará.

A nossa candidatura naufragou no collegio de Santo Ovidio; mas nós, avaliando bem as causas que determinaram este incidente, esperamos que o tempo justifique as nossas intenções, e os nossos votos.

A nossa queda não nos deshonra, e nem por esse facto julgamos ter perdido a estima d'amigos e inimigos politicos. Por força de circunstancias imperiosas temos de deixar o Porto, e por isso aproveitamos a occasião para nos despedirmos dos seus habitantes, dos quaes nos lembraremos sempre com saudade.

jornalista se abstem de emittir a sua opinião *sobre o procedimento desses que obraram em nome do partido que acceitou a transação* por falta de mais amplos esclarecimentos do que os que lhe tem fornecido os jornaes ; cumpre-me a mim como principal author desse *pacto monstruoso* fornecer esses esclarecimentos, e historiar a origem e a causa dessas nupcias, que tudo poderão ser, menos incestuosas.

«Os membros da Junta que se estabeleceu nesta cidade em Outubro de 1846 tinham tanto direito como quaesquer outros a appresentar as suas candidaturas nesta cidade, e ninguem devia esperar que elles sollicitassem outros suffragios que não fossem os da terra onde eram residentes e onde tinham o seu domicilio. O facto de terem estado á testa de nma revolução, que outra cousa não pertendia senão aquillo mesmo que, com mais felicidade, alcancou tres ou quatro annos depois o duque de Saldanha, e que o mesmo duque se encarregou de justificar; por certo que não devia inhabilita-los de aspirar ao que tinha direito de aspirar todo o cidadão portuguez. Todos lhes reconheceram esse direito, todos os consideraram como candidatos forçados por esta cidade, todos lhes cederam o campo, e nenhuma outra candidatura os affrontou.

«O governo pela sua parte pareceu ao principio não estar disposto o combate-las. Os seus amigos affirmavam que não tinha repugnancia em acceitar, e mostraram toda a disposição para se entenderem com o partido progressista na escolha dos deputados pelo Porto, e a obrarem de acordo com elle. Não tardou porem muito que não fossem cabalmente conhecidas as intenções do governo. Os seus agentes e emissarios procuraram travar ligações e estabelecer as mais intimas relações com os cabralistas. As demições dadas aos

administradores que pareciam propender para o lado opposto, as intimidações empregadas para com uns, a corrupção empregada para com outros, as ameaças de demissões, as promessas de empregos ou de restituição a empregos; tudo inculcava que as intenções do governo eram aproveitar a parte mais desmoralisada e corrupta ou mais dependente do partido cabralista em dissolução, apoiar-se nella, e governar com ella. A guerra ao partido progressista era publica e sem disfarce.

«Um dos agentes do governo, o valido do ministro do reino, o depositario da sua confiança, não duvidava dar a ler as cartas em que as suas intenções se manifestavam claramente; e estava tão certo de realisar o seu plano que affirmava alto e bom som, nas praças publicas e diante de quem o queria ouvir, que o sr. José Passos não seria deputado pelo Porto.

«Finalmente o governo organisou a sua lista, nós organisamos a nossa. Elle regeitou os nossos candidatos, nós regeitamos os delle, a guerra ficou daclarada, e os progressistas do Porto naturalmente constituidos em opposição ao governo.

«Nesta irritação dos espiritos e neste espirito de hostilidade, começaram os trabalhos da eleição nos dous collegios desta cidade.

«No collegio de Santo Ovidio nenhum partido tinha a maioria absoluta. O governo tinha porem a maioria em relação aos dois partidos separados.

«Nada podia fazer nos dous escrutinios livres, mas podia vencer no escrutinio forçado se cabralistas e progressistas se pozessem a gastar polvora em vão, atirando cada um para sua parte. E assim viria a acontecer se um incidente inesperado não produzisse espontaneamente e sem esforço essa *coalisão monstruosa*

que tanto tem dado que intender aos jornaes ministeriaes. Foi a questão da presidencia.

« A presidencia ninguem a disputava ao sr. visconde d'Oliveira. Foi elle que a perdeu pela sua sofreguidão, e pelo seu desatino.

« Quando eu entrava para a casa da camara na manhã do dia em que começaram os trabalhos, encontrei o sr. Joaquim Ferreira Coelho que era o presidente da commissão do recenseamento, chamado pela lei para installar a mesa da assembléa. Perguntou-me se nós faziamos questão da presidencia ou aspiravamos a ella. Respondi-lhe que não, e que estavamos dispostos a acceitar qualquer presidente. Perguntou-me qual a pessoa que a mim me parecia mais competente para isso. Respondi-lhe que haviam tres cavalheiros a escolher, que eram o sr. Vieira da Motta, o sr. Lopes Branco, e o sr. visconde d'Oliveira, e que qualquer dos tres eu proporia á approvação da assembléa se eu estivesse no seu logar.

« Decidiu-se pelo sr. visconde d'Oliveira.

« Quando o sr. Ferreira Coelho se dispunha para propor á assembléa o presidente, e annunciou essa intenção, acudiu o sr. visconde d'Oliveira, negando esse direito ao presidente provisorio por não ser eleitor, e sustentando que a eleição não podia fazer-se legalmente senão por escrutinio secreto. Era um erro manifesto, para não dizer um disparate.

« Entendi logo que a intenção do sr. visconde era dar-se uns ares de triumpho, passando por meio de nós com as suas bandeiras despregadas e caixas batentes, e caminhando para a cadeira da presidencia pelo seu direito de conquista.

« E o mesmo foi entender eu isso que conceber o desejo de o burlar na sua esperança. Perguntei ao

sr. Lopes Branco, que estava sentado ao pé de mim, se queria acceitar a presidencia, e perguntei ao meu amigo o sr. Passos (José) se elle queria entrar n'uma coalisão para lha conferir. E depois de consultarmos com os eleitores nossos amigos que se sentavam nos bancos proximos, resolvemos votar no sr. Lopes Branco juntamente com os seus amigos.

«O sr. Lopes Branco subiu, e o candidato ministerial desceu; e todos folgamos com o exito deste primeiro acto de opposição.

«A coalisão ficou desde este momento estabelecida; e não foi necessario nem um tabellião, nem uma escriptura publica, para estipular o pacto diabolico. As duas opposições entenderam-se e foram votando juntas por instincto em todas as questões que depois se agitaram, e principalmente naquella que mais de perto intendia com o governo ou com os seus agentes, e que acabou por expulsar do collegio uma matilha de regedores de parochia que o governador civil tinha dimittido simuladamente para os habilitar para serem eleitores; que a tanto como isto chegaram os habitos cabralinos que os nossos *regeneradores* contrahiram na sua longa *cabralagem*.

«O governador civil queria vencer a eleição, e tinha o desengano de que a não podia vencer se as duas opposições chegassem a organisar uma lista em commum e a votar unidas. Cumpria-lhe salvar os restos, e ganhar o mais que podesse. Se não podesse vencer quatro deputados ministeriaes entendeu que não devia perder dois. E tinha rasão. As opposições tambem a tinham.

«Aqui começaram as hesitações de homem. Umas vezes aproximava-se da esquerda, outras vezes da direita. Agora offerecia transação a uns, dahi a pouco

a outros, e de repente suspendia as negociações com todos, segundo concebia mais ou menos esperanças de os vencer a ambos pela divisão. Finalmente decidiu-se a transigir com o sr. José Passos, que era de todos os eleitores progressistas o que mostrava mais disposição a entender-se com elle. Fui eu ainda desta vez o culpado na roptura das negociações.

« Depois que as nossas candidaturas naufragaram no collegio de Cedofeita, quiz o sr. José Passos que o nome delle e o meu, fossem segunda vez offerecidos ao collegio de Santo Ovidio. Mas ao mesmo tempo que eu me recusava a receber os votos dos eleitores ministeriaes, e pedia ao sr. José Passos que fizesse substituir o meu nome por outro, obstinava-se elle em não disistir da minha candidatura, por aquella reconhecida lealdade que elle tem aos seus amigos que se compromettem com elle em grandes responsabilidades. Parecia-lhe mal que elle fosse eleito e eu deixasse de o ser, assim como no dia seguinte e depois que soubemos da sua eleição em Lisboa, lhe pareceu mal que qualquer outro fosse eleito com preterição do sr. Justino, que era o unico dos seus antigos collegas residentes nesta cidade, que deixaria de entrar no parlamento.

« Esta minha obstinação em regeitar os votos filhos da corrupção ministerial, decidiu de uma vez a transação com o partido cabralista, (cartista conservador, ou como melhor deva chamar-se-lhe) que se declarava em opposição ao governo.

« Este partido estava devidido em duas fracções.

« A parte mais corrupta e mais podre desse partido, os homens dos empregos, e da politica da pança, seguiam as partes ministeriaes, porque era o ministerio que dava ou promettia a fatia a uns, e ali-

mentava a vaidade a outros. A parte mais sã, mais independente, e mais cartista fazia opposição ao governo e votava contra elle. Havia cabralistas da vespara, e cabralistas do dia seguinte.

« Entre estas duas fracções era licito optar; e era natural, era até logico, optar pela fracção que votava contra o ministerio como nós, e que era opposição como nós; embora a opposição fosse diversa e procedida de causas diversas.

« E com effeito que mais valor tinha o voto do reitor de Rio Tinto, ou do sr. Botelho, por exemplo, que se passaram de um bando para outro na vespora do dia da eleição em consequencia de promessas que ainda se não cumpriram; do que teria o voto de qualquer dos outros que ficaram firmes na sua antiga posição? Para mim era mais significativo e de muito mais alta importancia o voto destes do que o daquelles, e tão differente dos outros como é differente a honra da deshonra.

« E em que se differença o cabralismo do sr. Lopes Branco, do cabralismo do sr. visconde d'Oliveira? E porque rasão podiamos nós transigir airosamente com um, e não podiamos transigir airosamente com outro? Ao menos o primeiro não tinha mandado os nossos correligionarios para os areaes da Africa sem processo e sem sentença. O primeiro não se tinha alliado com os castelhanos como se alliou o segundo.

« E porque rasão podia o mesmo sr. visconde de Oliveira e todos os cabralistas do seu tempo, ligar-se com os castelhanos contra nós, e não podiamos nós ligar-nos então com os realistas para lhe resistir, e ligar-nos agora com uma porção de cabralistas para resistir a outros cabralistas?

« E porque rasão ha de poder o governo ir bus-

car apoio a toda a parte e a todos os partidos para governar mal, para corromper, e para abusar do seu poder; e não poderemos nós igualmente procurar um apoio similhante para impedirmos que elle governe mal, que corrompa, e que abuse.

« E porque rasão poderia o governo sollicitar para si os mesmos votos que nós acceitamos? Não era deshonroso para elle acceitar os votos dos seus adversarios, e era deshonroso para nós?

« Calluda, senhores! Estas coallisões não são novas, fazem-se todos os dias, e em todos os parlamentos. Esta que fizeram os eleitores no collegio de Santo Ovidio, é a mesma que hade continuar-se na camara dos deputados. Na extrema esquerda, ha de haver pelo menos um deputado, se eu tomar assento na camara. Não sei se lá haverá uma extrema direita; mas se houver, sei com toda a certesa que os nossos votos se hãode encontrar todas as vezes que for necessario fulminar este governo de furta-cores até o obrigar a sahir deste caminho de decepções e de enganos em que vae.

« Não sei se as minhas circumstancias particulares me permittirão tomar assento na camara; mas se não tomar, desde já quero que se saiba que não deixarei de o fazer pela causa a que se refere o jornal ministerial. — Porto 29 de Novembro de 1851. — *Sebastião de Almeida e Brito.* »

Depois de termos concluido este pequeno trabalho, veio a publico o sr. Almeida e Brito com uma carta historica ácerca da eleição do Porto.

As allusões directas que nella se fazem á nossa pessoa, a necessidade de rectificar alguns factos, e a discordancia em que estamos do sr. Brito ácerca da decantada coallisão, obriga-nos a ser um pouco mais extenso nesta materia.

Acompanharemos o sr. Brito nos factos que estabelece, e nas conclusões que delles tira, e apresentaremos com a maior franqueza a nossa opinião tanto a respeito d'uns, como das outras.

O sr. Brito declara-se o principal author da liga. Não lhe invejamos a gloria; e só notamos a preponderancia que o sr. Brito se arroga n'uma decisão que pertencia por direito a todos os eleitores da sua parcialidade, os quaes, ao que parece, foram inteiramente estranhos a esse resultado, e nelle figuraram como puras maquinas.

Diz mais o sr. Brito que a revolução d'Abril ultimo tinha o mesmo pensamento politico que a de nove d'outubro de 1846: só com a differença de que o duque de Saldanha foi agora mais feliz do que a Junta.

Admittimos a confissão do historiador; assim como tambem a conclusão que tira, de que a revolta de 1846 não é inhabilitação ás candidaturas para os membros da Junta, ou para quaesquer outros que nella tomaram parte.

«Todos lhes reconheceram esse direito, todos os «consideraram como candidatos forçados, por esta ci-

«dade, todos elles cederam o campo, e nenhuma ou-
«tra candidatura os afrontou.»

Concedemos a primeira universal, mas negamos as tres ultimas proposições igualmente universaes.

Os membros da Junta eram cidadãos portuguezes no pleno uso dos seus direitos politicos e civis, logo ninguem lhes podia disputar o direito de se apresentarem pelo Porto, ou por outra qualquer parte; mas d'ahi a serem candidatos *forçados*, a pertencerem-lhes os collegios do Porto de *juro e herdade*, e a exigirem que nenhuma outra candidatura afrontasse a sua *realesa*; é realmente uma tyrannia, que a nossa logica não tolera!!!

Diz o sr. Brito que o governo e seus agentes, parecendo ao principio querer acordar com os progressistas, depois lhes fazeram guerra publicamente e sem disfarce; e que o confidente do ministro do reino asseverava nas praças e em toda a parte que o sr. José Passos não seria deputado pelo Porto.

O sr. Brito nasta parte não fez mais do que repetir o que os jornaes de ambas as opposições teem dito: porem, não tendo esses jornaes, nem agora mesmo o sr. Brito apresentado provas algumas, é de rigor logico contradizer por negação Mas para que o publico possa ajuizar desta desgraçada pendencia, desde já mostraremos o sofisma em que os srs. Brito e Passos laboram, e por consequencia o nenhum fundamento das suas accusações.

É verdade que nem o governo nem os seus agentes no Porto queriam guerrear os progressistas, se a final se ateou a guerra, a culpa fôra dos progressistas.

Os agentes do governo não podiam guerrear o sr. Brito, Passos, ou outro qualquer cidadão, logo que abraçassem a politica da situação; se os guerrearam

foi, não pelo que tinham sido em 1846, como traiçoeiramente se inculca, mas pelo disfarce com que se apresentavam: não pelo que eram, mas pelo que queriam ser. Os srs. Brito e Passos podiam ser votados sem repugnancia nos collegios do Porto, apresentando-se simplesmente como cidadãos portuguezes; mas ataviados com as vestes revolucionarias da antiga Junta; empunhando os sceptros dos cinco reis da viella da Netta, isso é que assustava o governo, os cartistas, e os proprios que haviam prestado preito a essas realesas decahidas.

Srs. Brito e Passos, os tempos não são os mesmos, um lustro desta epocha equivale a cinco seculos do antigo mundo; agarrar-se hoje á Junta como a valvula de salvação, não nos parece grande progressismo.

Concedendo que o pensamento de outubro de 46 é o mesmo de abril de 51, não pode negar-se que a acção foi inteiramente nova, e os actores outros; por conseguinte a exigencia dos primeiros galãs do drama de 46 para figurarem no scenario de 51 com o antigo vestuario, e com as mesmas pretenções politicas, parece-nos um pouco *caricato*.

O sr. Brito occupa-se minuciosamente do primeiro acordo das opposições na questão da presidencia; questão absolutamente indifferente politicamente fallando, mas que tomou vulto desde que o sr. Brito conheceu as intenções do visconde d'Oliveira. «E o mesmo «foi intender eu isso que conceber o desejo de o bur-«lar na sua esperança.

Vê-se daqui que a politica do sr. Brito, é toda de caprichos, e tão voluvel e contingente como o praser de satisfazer *certos gostinhos*.

Se o sr. visconde d'Oliveira não mostrasse desejos de subir á presidencia, pela politica do sr. Brito

havia de presidir ao collegio ; porém como denunciou os seus desejos, *então não ha de ser*, disse logo o sr. Brito ! !

Nós tambem nesta parte divergimos do sr. Brito.

Ou a questão da presidencia involvia interesse politico, ou não ; no primeiro caso deviam os progressistas tratar de vence-la, já empenhando as suas forças, já alliando-se com os inimigos, segundo intendessem mais conveniente.

No segundo caso deviam abandona-la ao visconde ou a qualquer partido que a quizesse disputar, sem se importarem com os *ares de triumpho* que o vencedor ostentasse no pinaculo da sua gloria.

O sr. Brito prende a este primeiro acto d'esforço commum a boa intelligencia das duas opposições na questão dos regedores e do visconde ; lisongeando-se da expulsão dessa *matilha*, que entraram no collegio por uma habilitação simulada. Nós não queremos defender o procedimento de quem quer que influiu para essa trica, ardil, ou tranquibernia eleitoral, se é que a houve ; mas parece-nos que o sr. Brito, tendo concorrido para a decisão que tomara o collegio eleitoral, não está habilitado para classificar de *habitos cabralinos* as *dimissões simuladas* ; porquanto o procedimento do collegio, na expulsão do visconde, e na de dez eleitores, deixando dentro do collegio um que estava nas mesmas circumstancias, (só talvez porque se não temesse o seu voto) ; não deixa de merecer as honras de *habitos cabralistas, contrahidos em longa cabralagem ! ! !*

Demais, se o sr. Brito se horrorisa tanto com os *habitos cabralinos*, admira que s. s.[a] nada temesse do intimo contacto com os cabralistas de *longa cabrala-*

gem que entraram na liga, nem receassé que os seus votos lhe apegassem a lepra do cabralismo!!!

Expurgado o collegio da *matilha* dos regedores, e do visconde d'Oliveira que os commandava, entra o sr. Brito no periodo das negociações, as quaes estiveram a ponto de desfazer a coalisão, a não intervir directamente o proprio sr. Brito.

O governador civil entra em scena a querer, e não querer transigir com todos; e José Passos, o mais disposto a tratar com elle, ficara petreficado diante da obstinação do sr. Brito *em regeitar os votos filhos da corrupção ministerial*; e este incidente dicidiu por uma vez o transação com o partido cabralista: isto é *com a parte mais podre e mais corrupta, com os homens dos empregos e de politica da pança*; não quiz o sr. Brito cousa alguma; mas com *a parte mais sã, mais independente, e mais cartista, representada pelo centro Terena,* com essa queria, e estava disposto a tratar.

Este periodo da historia do sr. Brito dá larga margem a considerações, e que saltam ao bico da penna daquelle que tiver conhecimento das coisas do Porto, e do modo como se procedeu no collegio de Santo Ovidio: nós por agora limitar-nos-hemos a notar que neste quadro não apparecem outros eleitores a intervir em negocios de partido, senão os srs. Brito e Passos.

«Depois que as nossas candidaturas naufragaram «no collegio de Cedofeita, *quiz o sr. Passos* que o no- «me delle e o meu fossem segunda vez offerecidos ao «collegio de Santo Ovidio. Isto diz o sr. Brito.

Agora perguntamos nós, quem authorisou os srs. Passos e Brito a combinarem entre si, a sós, sem consultarem todos os seus eleitores esta especie de resurreição?

Se naufragaram no porto de Cedofeita, porque direito vieram surgir ao de Santo Ovidio, usurpando esta taboa de salvação áquelles que do seu mesmo partido originariamente, e de commum acordo seguiram um rumo mais perigoso, e demandavam este porto? Que perde ou lucra o partido progressista com a obstinação do sr. Brito em regeitar os votos dos cabralistas do dia seguinte, e accitar os suffragios dos cabralistas da vespora?

Assim como o que perde ou lucra com a obstinação do sr. José Passos em não desistir da candidatura do sr. Brito? Lembra-nos o conto dos dois leigos a darem-se reverendissima.

Dois pontos havia a tratar, 1.° com quem convinha unir-se o partido, visto não ter maioria, 2.° quaes as candidaturas a sacrificar, visto não se poderem salvar todas.

A nós parece-nos que nenhuma deliberação poderia tomar-se senão consultando o corpo eleitoral progressista; mas é um facto, confessado tanto na historia do sr. Brito, como na do sr. Passos, que o resultado fôra devido unicamente ás combinações destes dois senhores; e se acha igualmente confirmado pela declaração do sr. Parada Leitão, logo a boa logica exige que tiremos a conclusão seguinte:

Que os srs. Brito e Passos se acham repassados dos taes *habitos cabralistas*; por quanto para expurgarem do collegio *essa matilha* de regedores, e para formarem a decantada liga, consideraram os seus eleitores como uma *matilha* de maquinas brutas, ou manequins que moviam a seu bel-praser.

Por ultimo o sr. Brito occupa-se de justificar a coallisão, para isto, classifica os cartistas do Porto em duas fracções, uma *mais podre, e mais corrupta, ho-*

mens de empregos, e de pança, de fatia e de vaidade; e a outra eivada da mesma lepra, mas em menor escala.

Nós nunca disputaremos ao sr. Brito o direito que lhe assiste de dar o seu *veredicto* sobre a *podridão* dos cartistas do Porto, nem, na minoria em que se achou, mendigar votos na fracção menos podre desse partido.

Temos bastante conhecimento da cidade do Porto, e poderiamos fazer um paralello entre as duas fracções cartistas, e até entrarmos pelo campo progressista; e expormos a nossa opinião ácerca dos homens dos *empregos*, das *fatias* e das *vaidades*; mas nem isso vem para o nosso caso, nem ainda que viesse o fariamos, porque em materia de moralidade todo o escrupulo é pouco.

Em todos os partidos ha bom e mau, porque são formados de homens aos quaes andam inherentes fragilidades, que todos nós devemos encubrir e perdoar.

A nossa politica não é de pessoas, é de coisas. A nós não nos incumbe indicar os actos particulares dos homens que seguiram a bandeira da Torre da Marca, da Viella da Neta, ou da Casa Pia, a nossa questão é saber qual o pensamento politico adoptado actualmente por cada um desses grupos.

O duque de Saldanha hasteou em abril uma bandeira, que era symbolo de uma politica conciliadora, liberal, e essencialmente ordeira. O duque não perguntava aos que se alistavam debaixo desta bandeira donde vinham, se dos setembristas, cartistas, cabralistas, ou realistas; esquecia-se do passado de todos os que o seguiam para que todos se esquecessem igualmente dos seus proprios actos passados.

Esta amnistia reciproca e voluntaria, este sacrificio commum nas aras da patria agonisante, esta lou-

sa, debaixo da qual deviam dormir todos os nossos erros preteritos, devia ser a pedra angular do novo edificio politico. Assim é que nós concebemos a ultima revolta, e por isso é que nós a abraçamos de todo o coração.

Apresentamo-nos no Porto, representando este grande principio, e queriamos salval-o na campanha eleitoral ligando-nos com todas as cores politicas. O centro Terena declarou-nos a guerra por um manifesto, no qual se estabeleciam os seus dogmas, e pelo qual renunciavam a toda a salvação, que lhe não viesse dos seus idolos.

Nesta hypothese não podiamos tratar, mas fóra della, não havia obice em nos abraçarmos.

O centro da Viella da Neta não nos declarou guerra, mas conservou-se em neutralidade armada; por quanto, ao mesmo tempo que adoptava o pensamento do governo, nunca se quiz desagarrar da sua ancora sagrada a Junta de 46. Os srs. Brito e Passos queriam ser deputados pelo movimento de abril, mas não desistiam de suas glorias passadas, nem renunciavam á qualidade de membros da Junta revolucionaria de 46; e este procedimento denunciava um pensamento reservado, traiçoeiro, e altamente hostil á politica do governo.

Nesta hypothese não podiamos tratar, mas fóra della, não havia obice em nos abraçarmos.

Em tal conjuntura o sr. Brito diz que era *mais natural* e mais *logico* unir-se ao centro Terena, do que ao governo, mas a nós parece-nos inteiramente o contrario.

O sr. Brito, para provar a sua these, confronta o cabralismo dos Botelhos, dos Brancos, dos Oliveiras, falla-nos em areaes d'Africa, castelhanos, e não sei que

mais banalidades; tudo isto não devia desinterrar-se, pois para nada mais serve senão para enterrar mais o sr. Brito.

Por quanto, abstrahindo da identidade que o sr. Brito confessa entre a politica actual seguida pelo duque de Saldanha, e a que a Junta proclamava; pedimos-lhe que confronte todos os actos do actual governo não só em relação ao bem geral do paiz, mas ao bem particular dos militares e mais cidadãos que se comprometteram pela Junta, com todos os actos do governo do conde de Thomar debaixo dos mesmos respeitos, e então nos dirá, se a sua obstinação em regeitar os votos dos ministeriaes, e antes curvar-se aos pés dos taes meus amigos do *caleche*, das *rolhas* e do Alfeite, será mais logica, e natural!!!!!

Concordamos com o sr. Brito que as nupcias não foram incestuosas, mas foram disparatadas, porque não tomaram parte nellas nem o coração nem a cabeça; aquelle estava gelado, e esta escandecida pela pouquidade dos contrahentes.

O sr. Brito finalisou a sua historia com uma ameaça terrivel, «*calluda, senhores!*» Nós terminaremos tambem a nossa analyse, retribuindo-lhe, não como ameaça, mas sim como um conselho, com o mesmo = *calluda*, senhores.

Lisboa 10 de dezembro de 1851.

Antonio Alves Martins.